

Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana – CEDECONDH



Erick
Dênil



Fernanda
Barth



Marcelo
Bernardi



Pedro
Ruas



Vera
Armando

015ª CEDECONDH 06MAI2025

Pauta: Um ano pós-enchente: panorama do que foi feito até agora e perspectivas futuras.

PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB): (18h42min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana – CEDECONDH. Boa noite, comunidade do bairro Humaitá, Vila Farrapos e arredores. Boa noite, trabalhadores que aqui se encontram. Quero cumprimentar o pessoal do CTG Vaqueanos da Tradição; colega Ver. Marcelo Bernardi, proponente da reunião; as autoridades aqui presentes também. Acho que o próprio Ver. Marcelo Bernardi também pode citar depois os detalhes, todas as autoridades aqui, incluindo a Prefeitura de Porto Alegre. Meu nome é Erick, sou vereador de Porto Alegre, presidente da Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana. Assumi recentemente a presidência, neste ano, e tenho acompanhado as reuniões da CEDECONDH. Temos feito, dentro do possível, um ótimo trabalho pela cidade de Porto Alegre, sobretudo, né, Marcelo, cuidando das comunidades da nossa cidade. Nós temos também a tradição de sempre que tiver a reunião da CEDECONDH – Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana – o proponente da reunião coordena as inscrições, coordena a pauta, coordena a

reunião. E o proponente da reunião de hoje é o Ver. Marcelo Bernardi, meu colega que inclusive já foi presidente da CEDECONDH. Muita coisa eu tenho aprendido com o Marcelo nessa tarefa de presidente da comissão dos direitos humanos.

Nós sabemos que as enchentes, as inundações na nossa cidade afetaram principalmente esta região. E o vereador sabe bem disso, é morador daqui, atingiu as famílias, atingiu casas; não só a questão patrimonial, mas também psicológica dos moradores aqui da Vila Farrapos, do Humaitá, do Navegantes. Então, é algo que ninguém de nós quer que se repita.

Quero cumprimentar também aqui, para não cometer um erro, a assessoria da TVCâmara, que se faz presente; os assessores do Ver. Marcelo Bernardi; a nossa assessoria que se faz presente; e as autoridades. Que a gente possa fazer uma ótima reunião, uma reunião propositiva, uma reunião com encaminhamentos, e também uma reunião onde a gente possa dar respostas. E também, obviamente, é nosso dever, como vereadores, cobrar o poder público para que dê atenção para a comunidade e atenda às demandas da comunidade. Justificando também aqui a minha presença, eu vou ter que me ausentar da reunião da CEDECONDH, por ter que ir ao bairro Rubem Berta, numa outra tarefa agora à noite, numa situação lá, inclusive, bem complicada: uma pauta de habitação. Mas, de antemão, agradeço a todos os presentes, e não tenho dúvida de que o Ver. Marcelo Bernardi fará uma ótima reunião, junto com as autoridades aqui presentes. E me coloco à disposição, vereador, para trabalhar junto nos encaminhamentos, para que possamos, de fato, atender à comunidade do Humaitá, da Vila Farrapos e dos arredores, que querem respostas das autoridades sobre o que foi feito de lá para cá e que também, por óbvio, se preocupam com os próximos eventos climáticos que poderão acontecer, que não estão no nosso controle. A chuva não está no nosso controle, os eventos climáticos, infelizmente, hoje, não estão no nosso controle. Obviamente que nós temos que defender a preservação do meio ambiente, temos que defender, inclusive, para que se reduzam os impactos ambientais, e que, principalmente, o poder municipal possa cuidar melhor da política de prevenção: das casas de

bombas, das comportas... Porque ninguém quer viver o mesmo drama que vivemos, principalmente, no início do mês de maio de 2024. Então, desejo, de antemão, uma ótima reunião a todos e todas, e já passo os trabalhos aqui para o meu colega, Ver. Marcelo Bernardi. Contem com a gente. Muito obrigado.

(O Ver. Marcelo Bernardi assume a presidência dos trabalhos.)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Boa noite a todos aqui presentes. Quero agradecer a presença de vocês, em nome da Sra. Lurimar saúdo a todas as lideranças e as comunidades. Estou vendo várias pessoas de comunidades diferentes aqui. Conforme o presidente Erick passou, essa é uma reunião da CEDECONDH, que é a comissão de direitos humanos da Câmara de Vereadores. Tem por praticidade, nós fazermos essa reunião dentro das comissões, dentro da Câmara. Ou a possibilidade de nós trazermos essas reuniões para dentro das comunidades – assim como já participei no Sarandi, em uma pauta que o Erick chamou –, e agora como proponente procurei chamar, porque, principalmente para nós aqui, que estamos fazendo já um ano de tudo o que passamos e temos o compromisso de sempre falar a verdade para a comunidade. E a gente tem sido muito cobrado sobre o que está sendo feito, o que já foi feito, o que precisa ser feito, enfim. Porque vocês precisam saber, é muito diz que diz, é muita desinformação que chega a todos vocês. Hoje, nós chamamos os órgãos competentes, a Dina está aqui, a Marília também, representando a Vila Tecnológica e a Vila Pampa. Então, é muito importante a presença de vocês aqui, para que a gente consiga fazer esse esclarecimento para vocês. Até quero agradecer também ao secretário da saúde, Fernando Ritter, que prontamente atendeu; não estava programado, mas eu achei importante ele vir aqui e ser o primeiro, porque ele tem uma agenda logo agora, então vai ser o primeiro, porque chegam muitas demandas para nós também da real situação da reabertura das nossas unidades de saúde. Porque todo mundo quer as suas unidades, as nossas unidades de saúde, sendo a Clínica da Família Diretor Pestana, que atende o Humaitá; a US Vila Farrapos, a US Mário Quintana

e a US Fradique Vizeu. Então, o Fernando Ritter está aqui, já fazendo parte da Mesa; também representando o DMAE, o Vicente Perrone, que tem sido um parceiro aqui também; o Wilibaldo, que está aqui, que já participou, inclusive, de uma reunião da CEDECONDH, para falar sobre as contas excessivas, aquelas que estavam chegando em muitas casas dos moradores; também a Defesa Civil, através do Sr. Belinski, que está aqui representando a Defesa Civil da cidade de Porto Alegre; também o Marco Salinas, representando o DMLU. São temas que mexem diretamente com a nossa comunidade. Por que o DMLU está... Pegamos aqui, próprio, a Rua Max Juniman, a questão dos galhos. Então, eu acho importante a presença de todos os órgãos, principalmente nesse *front* necessário. Agora, há pouco tempo, tivemos mais um vendaval, que teve também mais um episódio de muitas árvores caídas, só não caiu mais, porque já tinham caído um ano atrás. Mas eu fiz... É de extrema importância esta reunião para que pudéssemos, sim, passar a real situação, principalmente para vocês aqui, para nós, que, além de ser vereador da região, também sou morador da região; este ano completo 50 anos como morador da região. Então, é o mínimo que a gente pode fazer, é dar esse retorno verdadeiro para vocês. Eu vou passar a palavra, então, para o secretário da saúde, Fernando Ritter, para aproveitar ele aqui e podermos tirar essas informações. Depois, vocês vão poder fazer as inscrições com o pessoal que está aqui, vão poder fazer as inscrições para fazer algumas perguntas ao pessoal, algumas dúvidas que vocês tenham, para poder fazer até para as secretarias responsáveis. Então, de antemão... Outra coisa que eu quero dizer para vocês, aquela moça ali, ela está anotando tudo, ela é responsável pelas notas taquigráficas que ficam registradas na Câmara de Vereadores. Então, tudo que está sendo falado aqui, tudo que está sendo dito, ela está anotando ali para poder ficar num registro oficial da Câmara de Vereadores, até se vocês posteriormente precisarem desses registros, vocês poderão ter acesso. Então, sempre que alguém for falar da comunidade, tanto da comunidade como dos secretários aqui, fale o nome completo e a comunidade que está representando, para poder ficar registrado ali, com a nossa moça de amarelo. Quero agradecer a presença da equipe aqui. A Câmara de

Vereadores está desativada e, vejam bem, a Câmara não está tendo... Não estamos tendo acesso à Câmara de Vereadores, e nós fizemos essa reunião externa, e ela só está podendo ser feita porque é de forma externa, então o pessoal pôde. E eu quero também aqui agradecer ao patrão do CTG, por mais uma vez, ter aberto as portas do CTG para que a gente pudesse ter mais uma reunião importante aqui, de temas tão importantes.

Secretário Fernando Ritter, eu passo a palavra para o senhor para que a gente possa dar um esclarecimento sobre a real situação das unidades de saúde, essa que eu mencionei aqui.

SR. FERNANDO RITTER: Obrigado, vereador. A partir da tua fala, cumprimento a todos que estão aqui na Mesa, colegas, vereadores, população. Bom, gente, eu queria atualizar vocês sobre a situação das unidades de saúde. Várias coisas que a gente tentou fazer de forma mais rapidamente possível, algumas deram certo e outras não deram tão certo como a gente gostaria. Mas todas as unidades serão reformadas. Vou começar pela Unidade de Saúde Farrapos – US Farrapos. Na US Farrapos, já está em execução a obra, e a previsão é para final de julho de a gente ter concluído isso aí. Só para informar a vocês, por que demorou tanto? Porque a gente teve que cadastrar no site do Ministério da Saúde, e os recursos que viriam, que foram prometidos pelo o governo federal, eles foram depositados recentemente. Inclusive, uma das unidades de que eu vou falar para vocês até agora, não foi depositado no processo. Eu vou explicar um por um.

Então, vou começar pela que está mais adiantada, a US Farrapos. Ela começou a obra agora no dia 9 de abril e a previsão é para final de julho a gente estar concluindo. Então, início de agosto, a gente com certeza já estará com a unidade de saúde funcionando no seu local. A US Diretor Pestana, assim como a US Fradique Vizeu, nós tínhamos um processo de licitatório em que teve um vencedor. Foi o mesmo vencedor das duas unidades de saúde. O que acontece é que, infelizmente, houve uma fatalidade na família do dono da empresa, ele perdeu um filho, e não tinha condições de tocar mais as obras. Ele acabou

parando as atividades da empresa dele e ele desistiu da execução da obra. Chamamos a segunda colocada. No caso da US Diretor Pestana, a segunda colocada já tinha um valor de R\$ 100 mil a mais, então, a gente teve que tramitar todo o processo do aditivo de contrato para poder fazer isso. E, provavelmente, na semana que vem, esse recurso, esses R\$ 100 mil a mais, estará na conta da Santa Casa para poder iniciar a obra. Aí, não sei, Samuel, a previsão depois que está assinado o contrato direitinho, em quanto tempo a empresa começa a obra? Previsão é 15 de agosto a entrega. Então, dentro da semana que vem, o dinheiro estará na conta. Nós tivemos que fazer um aditivo de R\$ 100 mil reais. Eu sei que é burocracia, mas, dentro do poder público, as coisas não são que nem na nossa vida. A gente teve que tramitar tudo, fazer a justificativa, comprovar a desistência da empresa, assim como também foi da US Fradique Vizeu. A US Fradique Vizeu é um pouquinho mais complexa, porque o segundo colocado não aceitou fazer, nem o terceiro colocado. Então, nós fizemos um novo processo. A gente acredita que até o final da semana que vem isso já estará finalizado, a tomada de preços. O dinheiro já está disponibilizado para poder fazer. Então, é uma obra de R\$ 532 mil, assim como a obra da US Diretor Pestana passa a ser de R\$ 450 mil. E a gente está tentando fazer com que isso ocorra o mais celeremente possível e também, ao longo do mês de agosto, a gente consiga já entregar essa obra, tanto da US Diretor Pestana quanto da US Fradique Vizeu. A US Farrapos até a final de julho. E para a US Mário Quintana, a gente está com todo o processo pronto, a empresa contratada, só falta o governo federal repassar o recurso. Desde fevereiro, ele está lá no governo federal, a cada 15 dias, a gente alimenta o sistema. Vou te pedir ajuda, vereador, se puder me ajudar, porque a gente já está cansado de entrar em contato com o governo federal para fazer isso. Então, eu tomei a decisão, a partir da reunião de hoje, que, se em 15 dias eles não fizerem, eu vou mandar o dinheiro deles voltar, ficar com eles, afinal de contas o governo não quer fazer esse depósito, porque está desde fevereiro toda a documentação, inclusive aprovado por eles e eles não colocam. Eu vou tirar o dinheiro de outro local, que eu ia fazer outra obra, e vou botar aqui na US Mário Quintana. Se em 15 dias o governo federal, que prometeu

o recurso, que está nos enrolando... Eu preciso dizer isso também. Assim como nós tivemos vários problemas, poderíamos ter entregue mais rapidamente, nós temos problemas de execução de processos, ele é moroso, é burocrático, tem uma parte que é culpa nossa, isso eu não nego nada, mas esse aqui, eu não sei por quê, diferentemente das outras, foi com agilidade. Essa da US Mário Quintana, eu dei um prazo de 15 dias. Se até o final de 15 dias, a partir da data de hoje, se não tiver, eu vou passar para os vereadores aqui, que nós desistimos do recurso do governo federal, e eu vou ter que deixar de fazer alguma coisa, para nós podermos fazer essa obra, mas em 15 dias essa obra vai ter que começar, da US Mário Quintana, porque não dá mais para nós podermos esperar. Então, repetindo: US Farrapos, final de julho, ela está concluída; US Diretor Pestana, até 15 de agosto; US Fradique Vizeu, até o final de agosto, nós pretendemos finalizá-la. E a US Mário Quintana, em 15 dias, se não resolver, depois de quatro meses, estará pronta. Nós vamos ter junho, julho, agosto, provavelmente em setembro, nós vamos estar entregando essa obra. Então, uma será entregue em julho, outra em agosto e outra em setembro. Isso é o que nós conseguimos fazer o mais rapidamente possível.

Fico à disposição aqui para esclarecimentos de vocês.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Obrigado, secretário Fernando. Vamos aproveitar que o senhor tem até às 19h30min. Tem alguma inscrição aí de alguma pergunta que gostariam de fazer para o secretário Fernando? Diga seu nome, por favor, e a comunidade, só para ficar registrado, por favor.

SRA. INÊS: Meu nome é Inês, eu moro aqui no Parque Humaitá. Faço pouco uso da rede SUS, das unidades básicas, mas, no dia 26 de março, eu precisei, fui aqui embaixo, no nosso posto de saúde, o Pestana. Chegaram três caminhões com divisórias, para fazer divisórias dentro de um salão de futsal. Eu achei aquilo meio desnecessário, porque eu acho que é dinheiro colocado fora. As quatro paredes do posto estão lá. Então, vamos colocar as forças lá. Bom, vamos ter divisórias, não vamos ter. Como acontece em todos os casos de

consulta, você está em uma sala com três médicos e três pacientes. Como é que você vai explicar para o médico o seu caso, na frente de mais três pessoas estranhas. Então, assim, é um pouco desumano, não é? Nós temos que passar por uma pandemia, por uma enchente, por um vendaval e, depois, pela humilhação disso em uma sala de consulta. Então, vamos colocar assim, tira os tapumes de lá, tira as divisórias, e vamos colocar os esforços lá dentro do posto, que era maravilhoso, atendimento de primeira, profissionais excelentes. Então, assim, desnecessário aquilo ali. Desnecessário.

SR. FERNANDO RITTER: Dona Inês, eu vou falar com o pessoal. Eu lembro que eu recebi representantes da comunidade, da líder da US Diretor Pestana, em um outro momento, lá na Secretaria de Saúde. Eles pediram que a gente aumentasse a privacidade das pessoas. Então, essas divisórias que foram para lá, foram para a gente construir possibilidades de dar maior privacidade às pessoas. Então, eu vou pedir para o pessoal dar uma olhada, com calma. Eu não entendi, foram instalados os...? Não foi instalado. Não, a gente não bota dinheiro fora desse processo. Então, assim, eu vou ver onde estão essas divisórias. Se as divisórias foram para lá, elas devem ter sido instaladas dentro do processo. Então, se não foram instaladas, alguém vai ter que prestar contas para isso. Alguém da unidade de saúde sabe disso? As divisórias foram instaladas lá? Moisés, vem mais para cá. Vem para cá, explica aqui, porque ela está dizendo que as divisórias foram para lá e não foram instaladas, é isso?

SR. MOISÉS RIBEIRO HEBERLE: Olá, pessoal, boa noite. Sou Moisés, coordenador de operações Santa Casa. Algumas lideranças, algumas pessoas eu conheço, de transitar também no território. A gente está falando da Igreja da Pestana, não é? Ali, na verdade, como disse o secretário, nós tivemos uma reunião na secretaria, foi pedido alguns lugares que tenham privacidade. Como aquele espaço também não é nosso, alguns lugares de fixação, parafuso, essas coisas a gente não consegue executar. Então, a gente tem o quê lá nessa unidade? Biombos. Não é o cenário ideal, enfim, tem essa questão de

privacidade, só que a gente precisa entender que aquele espaço não permite que a gente faça muitas modificações. Como disse o secretário, acho que a gente deve entregar em breve também...

SR. FERNANDO RITTER: Isso. O que nós temos que fazer, Dona Inês, é entregar a unidade de uma vez. Essa que é a questão. A única coisa que eu vou pedir, é desculpa. Não é a maneira, tu sabes muito bem como o pessoal trabalha, a equipe faz um trabalho de excelência. Obviamente que sempre tem uma ou outra pessoa, e é natural, que não seja atendida conforme ela deseja e, obviamente, a gente não acerta em todos. Mas, quando a gente tiver, na nossa unidade de saúde... Por isso, a Diretor Pestana, até 15 de agosto... Então, mais um pouco de tolerância. Eu sei que as pessoas estão incomodadas, as pessoas já voltaram para suas casas, elas já fizeram todos os esforços; e por que o poder público não fez ainda? Porque a burocracia realmente nos consome. Primeiro, nós tínhamos que garantir o recurso, porque nós tivemos promessas. Quase todas as promessas foram cumpridas, quase todas, nem todas as promessas foram cumpridas para nós. Começa, por exemplo, da Mário Quintana... Eu tenho que dizer que o dinheiro da Diretor Pestana veio; da Navegantes não veio o recurso financeiro e a gente fez com recursos próprios; da Farrapos, o recurso veio; da Fradique Vizeu o recurso veio. Então, vamos ver se a gente consegue melhorar. Vou pedir que o pessoal dê uma olhada nesse processo, a gente pede desculpa. Não é a maneira correta disso...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Isso. Isso. E a melhor forma de a gente melhorar isso é entregar logo a unidade de saúde de volta para a comunidade. É isso que a gente vai fazer. Até lá, vamos ficar em uma situação ainda precária, está bem? Mas vamos ver se a gente consegue melhorar. Está bem?

SRA. CLÁUDIA ALFAMA: Boa noite, eu sou aqui do Humaitá. A minha pergunta é relacionada à questão da saúde mental das pessoas que foram afetadas pela enchente. A gente sabe que tem várias pessoas que estão sofrendo de depressão, crises de pânico, e não é só cada vez que chove, cada vez que escuta um helicóptero sobrevoando e assim por diante. Daí, na área da saúde, tem algo organizado nos postos de saúde para atender essas pessoas que estão em depressão?

SR. FERNANDO RITTER: Cláudia, boa essa tua pergunta. Desde o ano passado, a gente vem se preocupando muito com o pós-enchente. Foi muito difícil durante a enchente e o pós-enchente. Estudos e experiências mundiais de pós-trauma se prolongam por anos, não é uma coisa que se resolve em um ano ou dois anos; são cinco anos. Com o furacão Katrina, nos Estados Unidos, aconteceu isso, e só voltaram os serviços cinco anos depois desse processo. Isso impacta muito nas pessoas. Por isso, nós colocamos equipes multiprofissionais. Então, nas nossas unidades de saúde aqui da região – todas, sem exceção –, todas têm agora uma equipe multiprofissional composta por médico, psiquiatra, psicólogo, nutricionista, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, educador físico e assistente social. São sete profissionais para cada dez equipes – não no prédio. Para cada dez equipes, nós temos uma equipe multiprofissional. Além disso, nós tivemos dois CAPS atingidos aqui nessa região. Nós já devolvemos os CAPS para a população. Nós retomamos agora em março, então, o processo de saúde mental retoma. Ele voltou aos seus locais, e, até julho, nós teremos mais três CAPS – Centro de Atenção Psicossocial, abertos, novos, para o Município de Porto Alegre, para poder atender melhor às pessoas, e, até final de outubro, nós teremos mais dois CAPS. Cinco CAPS serão abertos até o final do mês de outubro para poder melhorar ainda mais a questão da saúde mental. Esqueci alguma coisa? Pode falar, Eveline. Vem cá. Ela mandou no WhatsApp, mas, às vezes, não dá tempo de ler.

SRA. EVELINE RODRIGUES DA COSTA: Eu sou diretora adjunta da Atenção Primária. Só para complementar a resposta do secretário: essa região também teve, por um período de quatro meses, equipes de saúde mental com um recurso extra do Estado, e elas atuaram com um enfoque específico de saúde mental. Só para complementar, as eMulti fixas, para do secretário.

SR. FERNANDO RITTER: Essas equipes multiprofissionais estão dentro das unidades de saúde. Elas rodam dentro das unidades de saúde para poder atender. Então, converse com o médico, com o enfermeiro da unidade de saúde para que a gente possa, se necessário, fazer esse acompanhamento conjunto. A ideia nossa é expandir, mas toda essa região aqui atingida pelas enchentes, toda a região da mancha, ela foi complementada com as equipes multiprofissionais, como preconiza o Ministério da Saúde.

SRA. DINAMARA CAUX DA SILVA: Boa noite, secretário Fernando. Sou Dinamara, da Amovitec. Antes da enchente, emendas parlamentares da Câmara de Vereadores destinaram recursos para os postos de saúde. Onde estão esses recursos, que a gente está tão apertado de recursos, que a gente depende do governo federal? Pelo menos para gente consertar dois postos de saúde. Não pode ser tão difícil isso. As emendas vieram, final de 2023, para 2024 ser executado. A emenda não é tão difícil de se lidar, porque eu também recebo emenda parlamentar. É fazer os orçamentos, encaminhar e licitar as empresas. Não é a dificuldade que seria para uma secretaria. Se, para mim, for direcionada à Santa Casa, que foi o que a gente mais pediu, que fosse em nome da Santa Casa, que não ficasse preso dentro de uma secretaria, era o senhor passar para a Santa Casa, e a Santa Casa executaria. Não é assim que funciona o processo? Porque a mesma coisa é para mim. Os vereadores fazem em meu nome, vai para a FASC ou para a SMED, a SMED me fornece e eu faço, porque seria mais viável. Todo o tempo a gente falou sobre isso, sobre as emendas. Se lembra, Ver. Marcelo, que tinha que funcionar dessa maneira para ser mais rápido? Não tinha enchente. Nós tínhamos o Diretor Pestana, que estava demolido por um

temporal. Era a única que... E era melhoria para o posto da Farrapos. Se eu não me engano, o vereador completa, conforme as emendas foram feitas, e até hoje não chegou. Então, quer dizer que não foi só agora, na enchente. Esse dinheiro já vem antes. Ele foi demandado antes, porque já existia uma necessidade antes.

SR. FERNANDO RITTER: Dinamara, vamos explicar. Importante essa tua colocação. Eu tenho aqui as emendas: na Diretor Pestana, nós recebemos R\$ 50 mil da emenda da Célia, que é uma deputada, acho que de fora do Estado do Rio Grande do Sul, que fez doação dentro do processo; nós temos R\$ 7.859,00, que é de uma emenda do Bibó Nunes; e a gente tem R\$ 287 mil de uma emenda do deputado Osmar Terra. Somadas, elas vão dar o custo da obra. O dinheiro dessas emendas já está com a Santa Casa. Os R\$ 350 mil dessas emendas, mais o recurso do Município, já estão lá. Nós tivemos que agora fazer uma complementação, porque estava tudo certo para ser executada essa obra, e houve essa fatalidade. Em final de fevereiro, que foi... Que ele perdeu o filho lá...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Na metade de março. Então, todo o processo estava tudo certo, ia sair por R\$ 350 mil. Nós íamos usar boa parte dessas emendas e complementar com recurso. Não está faltando recurso aqui, o problema foi que houve a desistência do primeiro colocado, que propôs fazer por R\$ 350 mil, e o segundo colocado por R\$ 450 mil. Aí, quando ele desistiu, chamamos o segundo colocado, daí fez a justificativa e teve que tramitar todo o processo de novo. Mas R\$ 350 mil já estão na conta da Santa Casa, faltam R\$ 100 mil, e para poder começar a executar a obra, tem que passar todo o recurso financeiro. Então, eles entregaram toda a documentação no final, a negociação se estendeu...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Deixa eu complementar. A negociação também não foi fácil, para que o segundo colocado aceitasse, e aí se estendeu. Então, as obras das emendas estão dentro desse processo. Assim como também, na Farrapos, nós temos R\$ 200 mil de uma emenda do Cherini, R\$ 92 mil da emenda do Bibó Nunes. Elas estão compondo esses valores. Tanto a Diretor Pestana quanto a Fradique Vizeu, que também tem emenda, todas elas estão complementando, mas eu preciso de mais recursos para poder fazer isso. Inclusive as tuas emendas. Só que o valor, por exemplo, da Fradique Vizeu, é R\$ 532 mil; da Mário Quintana, são R\$ 453 mil. Ultrapassa o valor das emendas, mas todas as emendas estarão repassadas dentro desse processo. Tu queres complementar?

SR. MOISÉS RIBEIRO HEBERLE: Eu vou te ajudar aqui, secretário, também a respeito das emendas parlamentares. A gente fez dois movimentos. Lá atrás, eu vou citar a emenda do Ver. Marcelo, assim como nós tínhamos a emenda do Ver. Airto Ferronato. Antes do temporal, do vendaval de 16 de janeiro de 2024, nós estávamos em execução, na Diretor Pestana, da troca do telhado, que foi uma primeira emenda que a gente usou o recurso, e essa emenda foi entregue. Essa emenda do telhado foi entregue e já está em prestação de contas. Quando nós colocamos o poste na Diretor Pestana, teve a enchente. E a gente fez o quê? Pausada a emenda parlamentar, assim como todas as outras, assim como foi destinada pelo Ver. Marcelo e outros parlamentares, para Mário Quintana, Fradique Vizeu e Farrapos. Mário Quintana, se não me falha a memória, a gente tem quatro emendas lá. O que a gente consegue enxergar das emendas da Mário Quintana? Que duas são da parte interna da unidade e duas da parte externa da unidade. Como que eu, gestor, responsável pela operação, vou colocar um toldo na parte externa, se não tem nem unidade, não tem nada, e foi devastada pela enchente? O que nós fizemos, secretário, junto com a diretora Vânia e com a secretaria? Primeiro, nós precisamos fazer as obras internas de cada unidade, utilizando os recursos dos parlamentares. Vocês veem o que a gente tem na emenda e qual o valor que alcança, junto com a empresa. E o

restante, a gente vai colocar, como disse bem o secretário, dos recursos, enfim, do Ministério ou até mesmo do Município. Então, sim, está em execução; também isso atrapalhou, vamos dizer assim, na questão do menor orçamento, porque essa empresa em que o dono perdeu o filho foi a mesma que ganhou daqui a pouco o processo interno da unidade. Então, quando a gente refez o orçamento da alagada, a gente teve que refazer o orçamento da alagada e das duas emendas parlamentares. E todas tinham que ficar no menor valor ou acompanhar o menor valor. Então, foi um exercício, obviamente, do setor de compras, enfim, para fazer toda a documentação. Então, sim, a gente está atento às emendas parlamentares. Se não me falha a memória, são quatro na Mario Quintana, duas internas e duas externas e mais o processo da alagada; na unidade de saúde Fradique Vizeu, segue o mesmo modelo; a Unidade Básica de Saúde Diretor Pestana está pausada, será continuada agora, assim, quando liberar, a gente vai fazer tudo junto, tanto a emenda quanto as alagadas. E na unidade de Saúde Farrapos também, se não me engano, tem três emendas, porque foi a troca do piso interno, tem o gradil, que, inclusive, vai começar lá, porque a gente conseguiu harmonicamente fazer. Agora, não tinha como, não teria cara, nem o secretário de chegar aqui: “Ah, muito bonito, instalaram toldo na Diretor Pestana, mas lá dentro não está funcionando.” Simplesmente para prestar contas. Então, pedimos postergação, o que a secretaria acolheu – está tramitando. Assim que a gente concluir as obras, a gente pode apresentar e vai apresentar para os vereadores, para os parlamentares todos, que destinaram emendas, prestações de contas, conforme pede lá no sistema de gestão de prestação de contas.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MOISÉS RIBEIRO HEBERLE: Isso, esse equipamentos, isso, dos computadores, enfim... Vai ser... Isso, de todos os parlamentares. Eu citei aqui os parlamentares das obras, mas, assim como foram destinadas outras emendas

parlamentares de equipamentos, que também a gente recebe e vai, obviamente, executar, de todos.

SR. FERNANDO RITTER: Tem algumas emendas dessas que é o que vai recheiar as unidades de saúde – a gente já comprou as coisas, aguardando a obra para a gente poder botar em funcionamento. Então, teve várias coisas, para a gente não deixar o dinheiro parado, a gente já comprou, já executou, está aguardando só para a gente poder terminar a obra e colocar em funcionamento.

SRA. JULIANA COUTO DA SILVA: Boa noite, sou representante da comunidade de Santo André. Você falou que os especialistas em saúde mental estão em todas as comunidades. Eu tenho uma filha que não fala, fui atrás da fonoaudióloga; a fonoaudióloga pegou, fez uma cirurgia, e não tinha ninguém para cumprir ela. No caso, tem que ter alguém substituto, porque, senão, a comunidade toda não tem para onde fazer mais peso para outro posto de saúde, que já está em uma emergência, entendeu? A fonoaudióloga e a psiquiatra teve dengue também – tive lá, e não tinha ninguém para me atender, nem para eles ligarem para avisar que eles não estavam atendendo.

SR. FERNANDO RITTER: Qual unidade?

SRA. JULIANA COUTO DA SILVA: Farrapos. Quando falta alguém, nunca tem alguém para substituir. Estão com falta de profissional? Eu preciso da fonoaudióloga, eu preciso da psiquiatra, e, na hora que eu precisei mesmo, até agora, eu não tive uma consulta com a psicóloga e nem a fonoaudióloga. Imagina, isso que eu sou da enchente, não tive ainda, preciso! Com papel, comprovando. Cadê? Diga para mim!

SR. FERNANDO RITTER: Bom, vou primeiro pedir que o pessoal pegue os dados para ver direitinho. A questão de substituição de profissional no contrato – eu trabalho no Município desde 2008; às vezes é bom lembrarmos que até há

pouco tempo atrás demorava seis meses para repor os profissionais; agora repomos em 15 dias. O afastamento por problema de saúde é repostado só depois de 15 dias. Eles colocam isso.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Eu sei. Mas, infelizmente, eu não consigo fazer com mais agilidade esse processo. Então, a gente vai ver direitinho. Vou pedir que o pessoal pegue os dados para ver a situação disso e dar o encaminhamento, porque se isso já tem encaminhamento, já tem todo o processo, ver o que aconteceu para destravar isso aí, *ok?* Está bom? Oi?

SR. SADI RAMOS: Boa noite, sou da Santo André. Posso dar uma palavrinha? Um dia eu peguei minha esposa dentro da minha casa; e eu sou um homem com 70 anos, doente; a minha esposa com 22 de pressão alta, cheguei no posto de saúde, nove horas da manhã, sabe que horas foram nos atender? Nem nos atenderam. Eu saí dali, maltratado, escorraçado, peguei minha esposa e tive que parar lá na UPA da Rio Branco, uma vergonha isso aí, viu? As doutoras que estão ali não têm prestígio para amparar um doente, nenhuma doente. É isso aí que é a minha indignação. Muito obrigado.

SR. FERNANDO RITTER: Sr. Sadi, quando é que foi isso, o senhor lembra quando é que foi isso?

SR. SADI RAMOS: Foi na semana retrasada.

SR. FERNANDO RITTER: Não, primeiro é o seguinte, te peço desculpa...

SR. SADI RAMOS: Inclusive, eles mandaram eu denunciar eles. Eu cheguei em casa e liguei para o 156, e eles me atenderam e mandaram eu fazer o protocolo, eu fiz dois protocolos, contra o Júlio e contra a Maurícia. E eles ficaram lá e

disseram qualquer coisinha... E amanhã eu vou lá de novo no posto, quero que eles me maltratem, que eu ando muito doente e preciso de atendimento médico. Eu fui até a UPA, e eles me disseram que era para ir para o posto. O meu nome é Sadi Ramos. O Marcelo me conhece, não é de hoje, faz anos. Eu não mereço ser maltratado, só porque eu sou um homem de idade ser maltratado dessa maneira.

SR. FERNANDO RITTER: Sr. Sadi, ninguém merece ser maltratado, ninguém merece ser maltratado. Se foi maltratado, te peço desculpa. Então, já vou anotar aqui para que as pessoas... E caso... A equipe está aqui para ouvir. A gente está aqui para ouvir, a gente acerta e erra, dentro desse processo. Vocês sabem que a gente ouviu aqui pessoas falando que foram muito bem tratadas em alguns momentos, e eu disse aqui que, em algum momento, alguém pode não ter o atendimento que gostaria, mas ser maltratado, ninguém pode, ninguém pode! Então, eu vou pedir que o pessoal olhe essas ouvidorias, que acolha essas ouvidorias. Eu queria que pegasse o telefone, ligasse e pegasse as ouvidorias para poder fazer isso, porque não dá para admitir maus tratos. Isso é inadmissível. Isso é inadmissível, e a gente precisa averiguar isso, está bom?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Medo, por quê?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Se alguém ameaçar, se alguém ameaçar... A pessoa não pode estar lá, não pode ser ameaçada.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Então, eu vou pedir para o pessoal da Santa Casa uma atenção especial para a US Farrapos. Não, é para isso que a gente está aqui. Se a gente não quisesse ouvir, a gente não viria aqui.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: O problema é só a gestora.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. VÂNIA FÁBIA: Sou moradora há mais de 40 anos aqui. Não é porque fui eu que fui lá, eu fui com 40.2 de temperatura, saí de casa com 16 por 11 e eu estava mal, eu não conseguia falar. O que ela disse? A prioridade, já te dei a prioridade. Eu saí dali, fiquei mais de meia hora sentada na Praça do Sesi, fui parar na UPA de Canoas, muito bem atendida, só que a UPA de Canoas também tem excesso de moradores de lá, eles estão meio que restringindo para nós sermos atendidos. Então, eu peço encarecidamente, em nome da comunidade, não em meu nome somente; que bom que esse senhor teve a coragem de falar.

SR. FERNANDO RITTER: Está bem? Nós vamos... Você quer falar alguma coisa?

SR. MOISÉS RIBEIRO HEBERLE: Pessoal, eu só queria acolher... Secretário, falar para a nossa usuária lá da Santo André, tanto o seu Sadi, como a Dona Vânia. O caso da fono, nós estamos em seleção dessa profissional há 20 dias. Eu vou dizer que a Veridiana, que é a nossa gerente, que cuida das eMulti, é responsável pela equipe, ela entrevista o profissional da fono, pelo menos umas cinco entrevistas a cada três dias, mas está difícil de selecionar. Então, eu faço a mea-culpa do profissional de fonoaudiologia, mas não há, da nossa parte, estarmos lá e esquecermos da seleção. Então, vou ficar com o teu caso, amanhã vou verificar o que aconteceu, porque a psiquiatra, o psicólogo, estão atendendo.

Ali, a questão da fono, sim, porque é problema efetivamente de quadro, de quantidade de profissionais em vista de querer trabalhar. Seu Sadi, eu acho que bem disse o secretário, queria lhe pedir desculpa. Amanhã, se o senhor quiser, eu vou com o senhor, inclusive, na Farrapos, eu vou de mão com o senhor lá, para ver o que aconteceu. Então, amanhã eu posso ir lá na Farrapos, sem problema nenhum, e ver o que aconteceu, mas o que me assusta um pouco é que tanto a Dra. Maurícia quanto o Dr. Júlio – eu estou citando eles porque eles foram citados – são médicos de família e comunidade, ambos, estudaram e fazem parte da família e da comunidade em si. Amanhã, eu vou verificar, obviamente, e se precisar estarei lá com o senhor. Em relação à dona Vânia, enfim...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MOISÉS RIBEIRO HEBERLE: Ah, daí é a questão da unidade móvel, é outra coisa, e o secretário depois pode... Mas, a partir da semana que vem, da outra semana, nós estaremos lá atendendo vocês de tarde, enfim, nas quintas-feiras, lá na Santo André.

E, a respeito da dona Vânia, por quem tenho muito respeito e carinho, porque também me acolheu aqui na comunidade – a gente tem perfis distintos, né? –, o que a dona Vânia traz? Nós tínhamos uma antiga gestora que fazia parte da Unidade de Saúde Farrapos. E, enfim, ano passado, a gente precisou trocar de gestão, e isso faz parte. Então, dona Vânia, também, assim como acolho o seu Sadi e a nossa usuária ali também de Santo André, vou tomar um café com a senhora, entender o que está acontecendo, estou à sua disposição para ouvir.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MOISÉS RIBEIRO HEBERLE: Não, vou sozinho.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MOISÉS RIBEIRO HEBERLE: Mas comigo a senhora quer?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MOISÉS RIBEIRO HEBERLE: Eu me comprometo, gente. Eu vou conversar com a dona Vânia também, entender o que está acontecendo ali para a gente tentar resolver.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Vamos aproveitar. Daqui a pouco, o secretário tem que sair, vamos aproveitar ele aqui ao máximo, gente.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. INÊS: Respondendo por que a gente não fala em um posto de saúde. Em cada guichê, tem uma plaquinha dizendo: “Respeite o funcionário, respeite...”

(Manifestações paralelas. Ininteligíveis.)

SRA. INÊS: ...com o desacato pode ocorrer até detenção”. Existe o artigo.

SR. FERNANDO RITTER: Então, vou fazer o seguinte...

SRA. INÊS: Então, as pessoas são humildes demais para levantar até a cabeça, quanto mais a voz.

SR. FERNANDO RITTER: Deixa eu só dizer uma coisa. Esta gestão nossa, do prefeito, e vocês sabem que o prefeito Sebastião Melo é um cara que anda pelas comunidades, chapéu de palha, caminha, caminha com os vereadores dentro desse processo... Se a gente não quisesse ouvir, a gente não se colocaria à disposição para fazer o que a gente faz dentro desse processo. Então, ninguém

tem o direito de não ouvir. Todo mundo tem que ter o direito de ouvir, tá? Eu já mandei arrancar todas aquelas plaquinhas, porque isso é um total absurdo, as pessoas têm o direito de fazer suas considerações. Ninguém pode ter medo. Nós não vivemos em um regime de exceção, nós não vivemos em um regime ditatorial, não vivemos em um regime que não dá esse direito. A democracia é o melhor regime, permite que as pessoas falem o que elas pensam – claro, obviamente, com limites, porque a justiça tem regras dentro do processo, mas nós não vamos botar esse limite dentro do processo. Então, é o seguinte, se tiver placa, eu já pedi que essas placas... Elas não ajudam em nada. Não se intimida as pessoas, não se assedia as pessoas através desse processo. Para isso, a gente estimula o conselho local; é por isso que a gente estimula os conselhos distritais, é por isso que a gente tem a ideia de ouvir as pessoas. Essa é a lógica. Quantas vezes eu já estive aqui? Várias vezes, não é? Várias vezes, nesse processo. Se eu posso estar aqui, quem trabalha na comunidade vai ter que ouvir. E se elas não têm capacidade de ouvir, elas não têm condições de estar onde devem estar, dentro desse processo. Então, se tiver a placa lá, de novo, eu vou pedir que revisem isso aí. Então, se tiver, eu vou fazer o seguinte, tirem uma foto, tirem uma foto que eu quero ver isso aí. Pode passar direto para o diretor da unidade, eu tenho contato de todos os diretores de unidades de saúde aqui no telefone, e eu quero saber direitinho quem tem placa dentro desse processo, porque essa placa não ajuda em absolutamente nada. E ninguém tem que ter medo de falar, ninguém tem que ter medo de falar. Dona Vânia, às vezes, as experiências, me permita dizer assim, eu tenho um pouco menos da metade da sua idade, da sua experiência, e a senhora sabe da minha admiração; eu acho que, se as pessoas erram, se a gente não for capaz de perdoar... Jesus Cristo perdoou as pessoas dentro do processo. Eu acho que é importante. Se eu fosse levar para o coração tudo o que aconteceu já, talvez eu não falasse com muitas pessoas dentro do processo. E, às vezes, a gente tem que aturar. E eu sei que a senhora é uma pessoa de bom coração, é uma das pessoas mais humanas que eu conheço, é uma das pessoas que eu mais admiro dentro do

processo, por causa da sua luta, da sua resistência e da sua resiliência. Me dê uma oportunidade para tentar mudar esse processo, me dê uma oportunidade.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Isso, me dê uma oportunidade. Então, deixa eu sentar junto dentro disso. Eu vou querer intermediar esse processo. Eu e o Moisés vamos intermediar esse processo. Se não der certo, a gente a reavalia.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Não, não vai. Esse coração, eu sei que esse coração é muito mais humano do que isso, eu sei. E, quando a gente fica com...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: É, eu sei, mas a parte boa das pessoas tem que ser melhor que a parte ruim dentro desse processo. Então, pelo menos me dê uma oportunidade de intermediar o processo. Se não der certo, pelo menos a gente tentou. Então, senhora, deixa eu...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: É, isso. Então, assim, me deixa pelo menos ter a oportunidade de tentar. Tentar, pelo menos, a gente tem que tentar, dentro desse processo. Todas as pessoas têm experiência, têm história. Cada profissional, cada gestor tem uma maneira de trabalhar. Se é certo, se é errado, a gente não tem como saber tudo. Alguns acabam favorecendo mais uns, outros acabam favorecendo mais outros, uns gostando mais de uns, outros gostando mais de outros. Infelizmente, o ser humano não tem a capacidade de tratar todo mundo igual – é assim na nossa família, certo? Até com os nossos filhos, às vezes, a

gente não consegue ser igual. Entendeu? Às vezes, a gente não consegue ser igual. A gente sempre vai querer ajudar quem mais precisa dentro desse processo, sabe? E, às vezes, a gente não está bom e a gente descarrega no filho, descarrega no companheiro, na companheira, no amigo, nas nossas famílias, que são a coisa mais importante, aquilo em que a gente nasce e se cria, a gente briga, e a gente tem que superar, porque a pior coisa que tem é dois irmãos brigando e nunca mais se falando, pai e filho não se falando nesse processo. Imaginem em um serviço de trabalho, gente, dá muita briga, e as pessoas têm que se aturar, porque é assim. E a gente não pode levar para o coração dentro do processo. Por isso, eu queria ter a oportunidade de, pelo menos, tentar, dentro disso; de a gente poder amaciar esse processo, ver o lado humano das pessoas de uma maneira melhor. Então, se a gente errou, a gente quer corrigir. Eu tenho sempre o princípio de que nunca está bom o suficiente, porque, às vezes, a gente erra. A gente mais acerta do que erra, a gente mais acerta, porque são 500 pessoas que passam na Unidade Farrapos; se a gente tiver 20 pessoas, entre as 500, que saírem insatisfeitas... Não deveria ser, mas saem, às vezes, insatisfeitas. Ser forem 30 pessoas, não é nem 10% desse processo. Então, se a gente acertar 90%, 95%, 96%, parece bom. É como uma nota de colégio, na nossa vida, se eu tirar 90, é uma nota boa. Eu estou aqui para tentar melhorar, para a gente chegar nos 100%, mas eu vou errar, e as pessoas vão errar. As pessoas têm que ser humildes o suficiente para entender que erraram. E a gente errou lá com o Sr. Sadi, a gente errou lá com a dona Vânia, a gente errou com as pessoas, e a gente não permite errar de novo. Entendeu? Se a gente ainda tem a oportunidade de corrigir, eu queria tentar corrigir, está bem?

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Gente, tem mais três inscrições aqui. A gente está passando já, mas, antes, tem uma grande parcela da comunidade Santo André aqui presente também. Querem saber da unidade móvel e também sobre a questão dos agentes de saúde, sobre a questão da

dengue, porque tem muitos focos de dengue lá. Como proceder, para onde ligar, o que chamar? Essa é uma solicitação que, já na entrada, nos passaram.

SR. FERNANDO RITTER: A Eveline vai falar sobre dengue. Gente, primeiro, a dengue veio para ficar. Só quero dizer para vocês que o mosquito da dengue se adaptou tão bem ao Rio Grande do Sul – e não é só Porto Alegre – que ele vai ficar. Faz dois anos que temos casos confirmados de dengue todas as semanas. E o período de março, abril e maio, esses são os piores meses para nós. No Brasil inteiro, é o ano inteiro; para nós, é março, abril e maio – são esses os meses mais críticos. Queria dizer para vocês que, às vezes, as pessoas têm uma ilusão que o fumacê vai resolver o problema. O fumacê resolve menos de 10% dos mosquitos, ele pega menos de 10% dos mosquitos. Ele não é uma coisa que cause um impacto importante, porque ele só pega o mosquito voando naquele momento, ele não tem efeito residual, não tem efeito direto de ficar. Botou o veneno, e ele vai, na semana que vem, ele volta lá, pousa e não vai. Não, não é assim que funciona. O grande problema nosso são os criadouros. E o veneno não mata o ovo. A cada sete dias, o mosquito morre, e vem um novo ciclo de mosquito. Então, se tem bastantes casos, é porque tem muito foco de dengue de criadouros. E os grandes criadouros são: pneu, vaso de planta, lixo, entulho. Eu tenho acompanhado todos os finais de semana ações da dengue, praticamente todos os finais de semana, na cidade inteira. Em todas as casas que eu entro, eu encontro foco de dengue, todas. E as pessoas, elas dizem assim: “Não, aqui não tem, fica tranquilo”. Aí eu entro e digo: aqui é um foco de dengue. Então, a gente vai pedir para o pessoal fazer uma revista nas casas, eu queria que vocês permitissem a entrada, só que a grande dificuldade nossa... Nessa semana o DMLU está limpando a Santo André, termina na quinta e recolhe os lixos, e na quinta vamos encaminhar para a unidade de saúde em relação à dengue. Essa é a informação que o vereador está trazendo aqui. Então, assim, nos ajudem a orientar as pessoas; se a gente não eliminar os criadouros, desculpa dizer, o poder público não vai conseguir matar mosquito, a gente não vai matar mosquito com veneno. E se a gente ficar aplicando muito

veneno, mata os bichinhos, cachorros, gatos, papagaios, periquitos, tudo, gente, as flores. E a gente não quer fazer esse processo. Lembrem que veneno é veneno, e é tóxico, tem que ser controlado o uso desse processo. Então, eu vou pedir para que o pessoal faça uma revisão, mas as pessoas que mais têm criadouros não deixam a gente entrar nas casas. E o prefeito tem insistido que a gente invada as casas. A gente invade, a gente apanha das pessoas, as pessoas correm a gente de pau. Não é uma, nem duas, nem três vezes que a gente teve esse episódio. Tem situações de violência contra os agentes de combate à endemias. Eles ficam com medo de entrar nas casas. “Mas ali, está vendo?” Sim, eu estou vendo, mas a pessoa não quer melhorar o processo dentro disso. E a gente lida com essa dificuldade dentro desse processo. Mas a gente vai fazer uma revista ali e vai olhar. Eve, se puder falar sobre a unidade móvel...

SRA. EVELINE RODRIGUES DA COSTA: Então, pessoal, sobre a unidade móvel, que toda quarta-feira, atendia ali no Santo André, ela teve um problema de manutenção, mas que está resolvido. Quarta-feira que vem, 14 de maio, ela retoma o atendimento no mesmo dia, nas quartas-feiras. Uma informação importante que já é interessante compartilhar com vocês: ela não vai mais vir com uma equipe externa. A equipe que vai compor a unidade móvel lá da Vila Santo André é uma parte da equipe da Farrapos, que a gente entende que, assim, facilita na questão dos atendimentos e na vinculação. Por que eu estou dizendo isso? Para já deixar público para a comunidade que, nas quartas-feiras, pode ser que a gente tenha uma demora de atendimento um pouco maior na Farrapos, porque eu vou ter uma parte da equipe atendendo justamente a Vila Santo André. Mas 14 de maio, na verdade, ela começa na segunda, mas a Santo André é na quarta. Então, na quarta-feira retoma o atendimento.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. EVELINE RODRIGUES DA COSTA: Dona Sueli... Sueli, não é? Deixe-me lhe explicar. Então, esse contrato com a unidade móvel, que era uma equipe

específica, no caso da Ibsaúde, ele foi reformulado. Agora, a equipe que vai é a equipe do território, porque a gente observou, pelo número de atendimentos, dificuldade de vinculação, a gente vai fazer neste novo formato. Não é só lá na Vila Santo André. Quando vai lá nas Quirinas, vai a equipe da Panorama, vai a equipe do território, preferencialmente, inclusive, com a figura do agente comunitário também, para auxiliar na vinculação. Vamos ver como isso vai se dar. Sabemos que, naquele dia da semana, aquela equipe vai contar com um número menor. Mas a gente entende que, para o atendimento, as pessoas vincularem com a equipe do território pode ser mais favorável.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Gente, então, a dona Nara, para terminar com as inscrições, que a gente tem que aproveitar o DMAE também, o DMAE está aqui, a dona Nara, a Lurimar e a Marília. Então, a senhora tem a palavra. Diga seu nome e a comunidade, por favor.

SRA. NARA DUTRA: Eu sou Nara Dutra, sou da comunidade ferroviária, represento os ferroviários ali, com outra turma. Eu queria... Boa noite a todo mundo e ao secretário. O secretário me castigou porque ele disse "Ela pegou o Viamão lotado e queria sentar na janelinha, não é, secretário?"

SR. FERNANDO RITTER: Eu? Não.

SRA. NARA DUTRA: Não, em termos de ficar por último para falar isso.

SR. FERNANDO RITTER: Não falei nada...

SRA. NARA DUTRA: Eu queria falar o seguinte. Pela nossa comunidade, que eu acho que até já falaram, mas vou reforçar, o nosso posto Diretor Pestana vai fazer um ano e meio que a gente está sem.

SR. FERNANDO RITTER: Dia 15 de agosto vai estar pronto.

SRA. NARA DUTRA: Não sei a burocracia de vocês, secretário, mas para um monte de doença e coisa que a gente tem por aí, a gente acha muito demorado para recuperar um posto de saúde. Mas tudo bem, é como o senhor disse, nem todo mundo está satisfeito e todo mundo erra e acerta. Mas eu quero falar uma coisa, um problema meu, pessoal: eu estava me tratando desde antes da pandemia com um especialista de joelho no Hospital Independência. Você sabe que você vai, consulta, o doutor diz: “Vou te pedir um exame com urgência”. Aí a urgência é para o ano que vem, faz parte, a gente já está acostumado. Aí eu tinha ido, dali um ano era o exame, que foi o ano passado, pós-enchente. Aí eu perdi os papéis, tudo na enchente, porque eu perdi casa, perdi tudo ali nos ferroviários, estou morando em uma cozinha e um banheiro. E dando graças a Deus que tive um canto para voltar, porque tem gente que ainda não teve. Mas vou dizer o seguinte, aí liguei para o hospital para saber o dia do meu exame, mas aí o Divina Providência, uns dias antes, avisa também para confirmar com a gente: “A tua ressonância é dia 11 de outubro”. Peguei o Uber, fui lá bonitinha, fiz a ressonância, e tenho certeza de que a minha consulta era no mês próximo, porque é sempre assim, você faz o exame num mês e leva no outro, vai direto para o hospital para verem pelo sistema. Tenho certeza que a minha consulta era em novembro. Daqui a pouco eu recebo uma informação do hospital de que a minha consulta está marcada para o dia 06/07/2026. Aí eu pergunto: O que eu faço com a ressonância que eu fiz no ano passado?

E, desculpa, só terminar, cheia de dor, que às vezes não consigo nem dormir direito de tanta dor, aí consultei ali no posto Navegantes, o médico me indicou para fisioterapia, tenho consulta com o fisioterapeuta dia 14, semana que vem, e ele disse: “Tenta pegar pelo menos o resultado da ressonância”. O senhor consegue ajudar nesse sentido?

SR. FERNANDO RITTER: Estou aqui para isso, estou aqui para isso, para ajudar. Então, vou pedir, Mari, faz favor, pega os contatos dela, nome, cartão SUS, tudo direitinho, e passa para o meu WhatsApp que eu vou ver a situação,

porque eu vou ver com o hospital, vou ver dentro do seu prontuário, vou ver tudo direitinho, e aí eu peço para alguém entrar em contato com a senhora, pode ser?

SRA. NARA DUTRA: Está bom, obrigada, e uma boa noite.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Com a palavra a Sra. Lurimar Fiúza.

SRA. LURIMAR FIÚZA: Boa noite a todos. Assim, eu me afastei um pouco devido a um problema de saúde do meu esposo, mas estou retomando. A gente mora aqui há muitos anos, nós temos quatro postos aqui na nossa região.

SR. FERNANDO RITTER: Cinco.

SRA. LURIMAR FIÚZA: Cinco é Navegantes, mas eu digo aqui, no nosso território. A gente vê que cada pessoa tem o que falar e comunicar, se comunicar com o senhor, que é essa oportunidade, a primeira que eu estou vendo, uma audiência pública vindo a saúde, que eu acho que faltou fiscalizar. A saúde é a prioridade. A primeira prioridade que deveria ser vista nessa região é a saúde. A questão da dengue, Farrapos e Santo André, é muita diferença: nós temos pavimentação, nós temos calçada, mas eles não. O olhar para eles tem que ser diferente na questão do mosquito da dengue, e tem que ser imediato, imediato. Isso aí é uma questão séria, muito séria devido a como eles vivem lá. Eu acho que isso é a prioridade. A nossa saúde, do nosso bairro, com essa quantidade de postos, e a gente não ter um pronto... Rola dinheiro, verba, ela existe; ela existe! Eu pergunto por que esse abandono nessa região? Eu moro aqui há quase 60 anos, e eu vou lhe dizer uma coisa: nós aqui participamos muito, o senhor me conhece, dificilmente o pessoal da Prefeitura não me conhece. Eu quero te agradecer, Marcelo, por essa audiência, porque temos aqui para nós ainda conversar sobre a questão do DMLU, mas a saúde, estamos sedentos. A minha filha teve um ameaça de AVC e ela foi no posto. Se nós não levássemos

ela para a UPA, eu tinha perdido a minha filha. Realmente, todas as pessoas que colocaram o seu apelo, têm dados, elas não vieram aqui para dizer assim: não, mas amanhã nós vamos resolver. Tem que se resolver agora, ao menos um posto deveria estar com tudo pronto, tudo pronto. Nós temos aqui mega empreendimentos na nossa volta... O que vem de pessoas com problema de dengue e tudo para a nossa região, para ver jogo. Nós estamos correndo risco, e eu não vejo nada, nada na nossa região; a nossa região ela ficou abandonada, parece que querem nos mandar embora, porque nós moramos em Porto Alegre... É linha reta para a Prefeitura, é linha reta para todos os lugares, e a gente não vê nada andar, nada andar. Eu não estou muito nas reuniões, mas vou voltar. O senhor sabe que eu vou voltar para fazer reunião nas praças, como sempre a gente fez, tem aqui uma parceira de luta. Nós sempre buscamos o melhor para a comunidade, mas eu vou lhe dizer uma coisa: é vergonha como nós estamos... As escolas, o estado que está nas escolas, não andaram para frente, enquanto que a gente vê nos bairros que foram atingidos, também... A gente vê na televisão, na mídia; a gente vê, as ilhas, o estado que está, e a gente vai pegando doenças. A saúde, eu espero que na sua presença, eu gosto muito do senhor, porque o senhor sempre nos recebeu, quando nós íamos fazer reunião, lá no seu gabinete, na saúde, e sempre o senhor nos recebeu, eu tenho confiança na sua pessoa. Então a gente pede que tudo que foi colocado aqui que não fique no papel, não fique. Nós aqui somos pessoas trabalhadoras, lutadoras, e as casas estão todas abandonadas, está tudo ruim, é o ônibus, é tudo. A saúde é prioridade, o senhor sabe. Nós vamos começar a fazer reuniões, como a gente fazia, ir lá e lhe visitar pessoalmente, para que a gente possa cobrar, realmente do senhor, o que o senhor está nos colocando aqui. Muito obrigada.

SR. FERNANDO RITTER: Dona Lurimar, eu vim aqui hoje para gente poder esclarecer esse processo, tá? Todas as unidades de saúde, elas serão devolvidas e a nossa previsão é que a Farrapos fique pronta em julho, a Diretor Pestana em agosto e a Fradique Vizeu e a Mário Quintana no máximo até

setembro, até meados desses, todas elas estarão de volta aqui à Unidade de Saúde. Também a gente está lutando e a gente propôs no plano de governo a construção de duas UPAs, uma aqui para o 4º Distrito e outra lá para a região Leste de Porto Alegre. Então nós estamos vendo um terreno, da possibilidade de terreno para a gente poder fazer isso, para a gente poder construir uma UPA, porque nós temos o entendimento que tem que se construir uma UPA aqui nessa região, para poder desafogar a UPA Zona Norte e as pessoas que estão aqui poderem fazer esse processo. E a grande questão é o seguinte, infelizmente a gente só não conseguiu fazer mais porque Porto Alegre acaba sendo o porto seguro, se vocês acham que está ruim, em outros municípios aqui da região metropolitana a situação está pior, porque tem atraso de salário médico, dos enfermeiros, tem unidades fechando, leitos fechando, e as pessoas estão sobrecarregando para cá. A gente nunca teve tantas pessoas de fora de Porto Alegre para cá; infelizmente o governo do Estado do Rio Grande do Sul não entende a saúde como prioridade. Eles deveriam botar 12% do seu orçamento em saúde, e nenhum governador, inclusive esse, que já está há sete anos, ele bota 9,2%, é R\$ 1,5 bilhões que ele deixa de botar todo ano. Esse e todos os governadores que antecederam esse, mas esse está há sete anos, e pelo que eu entendi ele não vai botar enquanto ele for governador, porque ele está fazendo uma negociação com os órgãos de controle para poder pagar a partir de 2026, parceladamente em 15 anos e chegar nos 12%, o que Santa Catarina já faz, o que o Paraná já faz, o estado de São Paulo bota 14%. Isso é uma vergonha dentro desse processo, e falta recurso financeiro para a gente poder fazer isso porque as pessoas acabam vindo, vindo de outros locais, e vocês sabem. Eu quero que aqui alguém diga que não tenha recebido um pedido de cadastrar na sua casa um familiar para ser atendido aqui em Porto Alegre, todo mundo conhece, porque as pessoas não conseguem fazer o cadastro. A gente tem hoje muitas pessoas que não são de Porto Alegre, mas estão cadastrados na casa de um, na casa de outro e tira a vaga de vocês. Então toda vez que alguém vir aqui pedir para a senhora botar um familiar, a gente pensa na família, mas a vaga é tirada e compete com outras pessoas. A gente vem fazendo uma

luta muito grande no sentido de 12% já, porque a saúde do Estado do Rio Grande do Sul está na UTI e Porto Alegre não aguenta mais atender todas essas pessoas e isso acaba tirando o local de Porto Alegrense. Por isso o prefeito mandou retirar R\$ 650 milhões de recursos que atende todo mundo para atender só porto-alegrenses. Nós vamos agora usar o recurso que é arrecadado com os impostos do município para atender só porto-alegrenses, nós não vamos mais admitir recurso próprio do município, porque a União repassa R\$ 1,3 bilhões para média e alta complexidade, o governo do Estado bota R\$ 180 milhões e nós botamos R\$ 650 milhões e nós atendemos todas as pessoas que chegam a Porto Alegre. Então assim, nós estamos refazendo os contratos com os hospitais e o Hospital Independência, por exemplo, nós botamos R\$ 2,5 milhões; R\$ 2,5 milhões por mês, e a gente atende 50% de fora de Porto Alegre e 50% de porto-alegrenses. Então é o seguinte: esses R\$ 2,5 milhões não serão mais aceitos pacientes fora de Porto Alegre, essa é uma lógica para poder fazer andar. Porque é o seguinte: como a gente vê que o governo do Estado não prioriza a saúde, nós não vamos mais ficar subsidiando a saúde de outros municípios em detrimento dos nossos munícipes aqui de Porto Alegre. Por isso a gente vai ter uma mudança radical nesse processo e vai construir UPA e também vai convidar, assim como Canoas fez, como Sapucaia fez, convidar as pessoas que não são de Porto Alegre a procurar suas unidades de saúde de referência, porque hoje 55% das pessoas que estão nas emergências hospitalares são de fora de Porto Alegre, 55%, e a gente não aguenta mais pagar essa conta e deixar a nossa população desassistida. Então a gente está mudando esse processo, por isso a briga com o governo do Estado, que não entende a saúde como prioridade, só entende do interior e a capital e a região metropolitana são desassistidas nesse processo. Algumas mudanças vão acontecer mais duras, e eu preciso que vocês nos ajudem também a evitar que pessoas de fora daqui venham para cá e roubem os seus lugares, está bem?

SRA. MARÍLIA: Boa noite, secretário.

SR. FERNANDO RITTER: Boa noite.

SRA. MARÍLIA: Meu nome é Marília, eu queria, assim, eu não sei quando vai ter outra audiência, não sei se a gente vai ter oportunidade tão logo, obrigada, Marcelo, mas eu vim ver com o senhor para dar uma atenção mais às famílias atípicas, que cada vez mais, cada dia mais aparecem mais crianças com autismo, crianças com outras deficiências. A gente já está fragilizada com a função da enchente, e para uma mãe que tem um filho assim é muito difícil. Eu não tenho filho assim, mas eu sou professora, e dentro da minha sala de aula eu tenho 10. E a gente percebe que as pessoas estão na área da saúde ali, parece que está meio tudo muito devagar, para se conseguir. Eu nem sabia que a Juliana lá, eu fui profe do filho dela, dos filhos dela, que ela estava nessa situação, sabe? Então, a gente, além de não ter um posto decente, não ter um bom atendimento, quando a dona Vânia falou lá, da funcionária pública, que atende a gente sem empatia, eu não quis falar, eu nem ia comentar isso, mas o que ela falou eu senti, o que o senhor Sadi falou eu já senti também, pressão alta, e às vezes a gente é mal atendido, sim, secretário, a gente é mal atendido, sim, a gente às vezes é muito bem atendido. Então, que nessa próxima audiência a gente tenha notícias de que os nossos postos de saúde já estejam disponíveis para a gente. Eu passei no Farrapos ali, as pessoas infelizmente estão na igreja, tem que ficar na rua, e se é um momento de chuva... E hoje em dia... Esse um ano da enchente... Esse domingo... Cada dia eu pensava: eu estava na igreja, eu fui resgatada, eu estava comendo bolacha, eu estava na *freeway*, sabe? Então, a gente acha que a gente está bem, mas a gente não está bem. Na nossa cabeça... Está todo mundo rindo, né? Todo mundo faceiro que veio R\$ 5 mil, mas a gente não está bem ainda. Esse domingo, para mim, foi cada lembrança que veio no Facebook ali, sabe? Então, hoje eu quero pedir para o senhor, enquanto nosso representante aí da saúde, para, acho que ela falou ali da questão da equipe ali, que faz essa atenção, e realmente eu não sabia, mas deixar colocado que, além da criança ser diferente, o que para nós é normal e que tudo vai, eles aprendem, eles fazem, é muito difícil, muito, muito, muito difícil.

Então, secretário, nas escolas infantis, cada dia mais aparece um laudo, aparece alguma outra coisa, e mais os problemas que a gente passou, que nem a dona, desculpe, o seu nome, falou ali, os problemas estão vindo ainda, e a gente ainda vai ter muitos anos de problemas que vão aparecer na nossa saúde mental. Era isso.

SRA. DINAMARA CAUX DA SILVA: O senhor falou que queria um espaço para fazer uma UPA na nossa região. O senhor tem dinheiro para isso?

SR. FERNANDO RITTER: A gente está atrás desse recurso financeiro, são R\$ 16 milhões.

SRA. DINAMARA CAUX DA SILVA: Eu busco no Estado. Nós temos 30 espaços do Estado que foi cedido para a sociedade civil. Me diz qual deles que o senhor quer que eu negocie no Estado.

SR. FERNANDO RITTER: Eu preciso de três mil metros quadrados.

SRA. DINAMARA CAUX DA SILVA: Jair! Cadê o Jair? Sumiu.

SR. FERNANDO RITTER: Três mil metros quadrados.

SRA. DINAMARA CAUX DA SILVA: Buscamos; a gente já buscou muito no Estado para ceder para o Município, mas eu quero que a saúde ocupe, não faça que nem a FASC, 10 anos com o espaço, que essa comunidade buscou, e até hoje não saiu do papel o nosso CRAS.

SR. FERNANDO RITTER: Para eu poder pleitear o recurso, eu preciso mostrar o terreno. Então, a gente está vendo o terreno.

SRA. DINAMARA CAUX DA SILVA: Com certeza. Do lado da unidade da SAMU, toda aquela esquina, o Estado já ofereceu para nós, não sei nem quantas vezes, porque eles não querem mais aquele espaço. A gente soluciona. Se o senhor tivesse falado já lá atrás, o senhor já estaria com o terreno na mão.

SR. FERNANDO RITTER: Lembra que tem que ser um local de fácil acessibilidade, senão não aprovam lá no Ministério da Saúde. Tem que ter linhas de ônibus e deslocamento tudo.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. DINAMARA CAUX DA SILVA: No mínimo três mil metros quadrados eu preciso. É difícil de achar, não é uma coisa tão simples.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Gente, nós estamos estourados, gente. Era para ser até sete e meia, o secretário está aqui, eu quero aproveitar o DMAE ainda, que a gente precisa ter retorno do DMAE. Vamos estabelecer um tempo, gente, de dois minutos. Eu sei que são temas tão importantes que todo mundo mereça ter respostas com qualidade. Então, eu quero agradecer, secretário. Obrigado. E nós vamos fazer outra, para, mais uma vez, lhe trazer aqui, porque aqui todo mundo quer apenas saber a verdade.

SR. FERNANDO RITTER: Importante, vereador, é o seguinte. Vários já me conhecem. Eu estive aqui, a gente acompanha, não foi a primeira vez que eu vim aqui, não foi a segunda, não foi a terceira vez. A gente já veio, todos aqui, é FROP, é conselho... E a gente está aqui à disposição. Obviamente que a ideia nossa é tentar melhorar o processo. Peço desculpa, mas vamos tentar melhorar. (Palmas.)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Muito obrigado. E até uma das reuniões que nós fizemos lá para cobrar da unidade Diretor Pestana ali, até tem pessoas que não falam comigo, porque, infelizmente, a gente, no poder público, que nem esse contratempo que aconteceu da morte do filho desse senhor que ganhou a licitação, é uma realidade que ninguém espera. E ele não teve estrutura para poder dar segmento no negócio dele, e, aí, novamente, fez. Mas, tudo bem, a gente tem que falar a verdade. E hoje vocês sabem a verdade aqui da real situação, tem muitos moradores do Humaitá aqui também, do Diretor Pestana, e do resto das unidades de saúde.

Então, gente, vamos passar agora. Está aqui ainda o DMLU, que é muito importante para esse processo nosso aqui da região. A Defesa Civil também está aqui, e o DMAE. Então, vamos passar para o DMAE agora, porque o DMAE precisa nos passar a real situação aqui que está. Eu até peço, diretor Perrone, para que a gente possa fazer um documento bem didático, para que a gente possa passar para a comunidade, não é Dinamara, Marília, D. Lurimar, para que as pessoas saibam, de fato, o que está acontecendo. As mudanças, porque muito se fala: “Ah, está sendo licitado, está indo para a licitação...”, enfim, mas as pessoas precisam saber a realidade também, assim como foi falado a realidade das unidades de saúde, elas precisam também saber sobre... Uma das grandes perguntas que vai vir para o senhor aqui, diretor, é a comporta 14, que todo mundo, não tem um dia sequer que a gente não receba uma mensagem perguntando dessa comporta, que foi onde, infelizmente, tudo começou.

Então eu vou passar a palavra para o senhor, e, depois, a gente faz, mas agora vamos estabelecer dois minutos para que a gente possa aproveitar aqui... Não o senhor, o senhor tem a palavra. Até porque nós precisamos das informações aqui que vocês vieram nos trazer. Então, com a palavra, o diretor Perrone.

SR. VICENTE PERRONE: Boa noite a todos, é um prazer imenso estar aqui com vocês. O Ver. Marcelo me conhece já há alguns anos aí. Também a presença do Nardon aqui, que foi um parceiro há um ano atrás.

Só falando rapidamente o meu histórico, eu fui secretário de Desenvolvimento Econômico de Porto Alegre, desde o ano de 2021, no início da gestão do prefeito Melo. Tenho o prazer de ter trazido a secretaria aqui para o 4º Distrito, para o Navegantes. Eu que trouxe a Secretaria de Desenvolvimento para o Instituto Caldeira, para estar mais próximo. Ajudei a construir – quem aprovou foram os vereadores –, a lei do 4º Distrito, que melhora e muito a questão de impostos, de IPTU, de investimentos na região. Muito se falou que era uma lei para tirar as pessoas, em nenhum momento foi pensado isso. Em 2023, o prefeito me convidou para ser diretor do escritório do 4º Distrito. Desde março de 2023, eu me tornei o responsável, dentro da Prefeitura, pelo 4º Distrito, e tive, posso dizer assim, a sorte de, na enchente, ser o braço do prefeito aqui na região. Então, a gente que montou toda aquela estrutura, eu digo a gente, porque estava o Nardon, estavam outras pessoas da Defesa Civil, estava o vice-prefeito Ricardo, estava o Marcelo, junto com a sua esposa, ali na Edu Chaves, no viaduto. Então, a gente que iniciou os resgates ali na Estação Farrapos, aqui na A. J. Renner, na quinta, sexta-feira, a gente veio para cá, tiramos milhares e milhares de pessoas com os caminhões da CEEE Equatorial, depois com o caminhão do Exército. Então, tenho lembranças muito duras, mas muito gratificantes de ter trabalhado naquele mês ininterruptamente. Depois, assim que a gente retirou as pessoas, o prefeito me pediu para eu me deslocar para o DMAE para monitorar a retirada da água. Então eu circulava em todas as casas de bomba, todos os dias. Fiquei praticamente um mês circulando nas casas de bomba. Vinha na casa de bomba 5, na 8, na 6, no bairro Anchieta, ali na Santo André, na 4, e vivi isso muito tempo. Quando a gente secou a cidade, no final de maio do ano passado, o prefeito me convidou para liderar o processo de limpeza junto com o DMLU. Está aqui o DMLU, que foi muito parceiro nesse sentido. Então, a gente que pegou o terreno da Tresmaiese para fazer o bota-espera e agilizar o processo de limpeza das ruas. Então, ali no bairro Anchieta também, a área da família dona da Máquinas Condor, foi a gente que agilizou aquele terreno. O terreno na Voluntários, esquina com a Cairu também, que é de propriedade do Município, também foi a gente que fez todo aquele processo. Então, de novo, eu tenho

memórias muito boas, posso dizer isso, que foi um momento de crescimento pessoal meu. Então, eu queria ter feito essa fala aqui. A gente teve alguns eventos, não é, Marcelo, inclusive, a retirada sua e da sua família de dentro da casa ali, e isso foi no sexto ou sétimo dia, porque o Marcelo não queria, de jeito nenhum, sair de dentro de casa. Então, foram movimentos muito importantes e tenho a grata alegria do prefeito, depois de tudo isso, me convidar para ser diretor executivo do DMAE. Então, hoje, eu sou a pessoa que cuida, tem um presidente que cuida das questões institucionais, da relação com os bancos internacionais, financiamento, governo do Estado, os empréstimos, e eu cuido do dia a dia do DMAE, da distribuição de água, da coleta de esgoto, da drenagem, das grandes obras, esse é meu dia a dia. Então, eu estou aqui para a gente conversar sobre qual é o status desses dois pontos, que são muito importantes. Acho que tem uma questão, trouxe o Wilibaldo aqui comigo, que é um servidor da casa, do DMAE, economista, e que hoje cuida das finanças e principalmente das contas, que em muitas vezes vieram valores absurdos por erros de empresas contratadas pelo DMAE, que hoje mesmo tenho uma notícia boa, que é praticamente a assinatura ou um muito bom encaminhamento de um acordo com o Ministério Público para resolver, de uma vez por todas, as contas altas que, por ventura, chegaram na casa dos senhores e das senhoras.

Então, falando um pouquinho do sistema de proteção contra a cheia, ele é composto por, basicamente, estruturas de comportas, muro e diques. Então, o dique sai lá do Veleiros do Sul, vem vindo pela beira do rio, tem o muro a partir da Usina do Gasômetro, depois, na Av. Castelo Branco, até a Sertório, tem a Av. Castelo Branco, depois a Freeway e lá no Sarandi tem 11 quilômetros de dique, que é a Vila Dique, mas todo o dique do Sarandi, que sai da casa de bomba 9 e vai até a Dona Alzira com a Sertório, acho que muitos devem conhecer aquela região. E depois tem o dique da FIERGS – Federação das Indústrias do Estado Rio Grande do Sul –, que sai da conjuntura da Assis Brasil com a freeway, abraça a FIERGS e vai pela Rua Caldeia até a Bernardino Silveira, que é atrás da FIERGS.

Falando um pouco das comportas, são 14 comportas, 7 delas ficam no muro da

Mauá e 7 delas ficam na Av. Castelo Branco. Com um contrato já existente, a gente fechou três delas no centro, a comporta 3, 5 e 7. E existe uma lei aprovada na Câmara que, todo dia 3 de maio, nós temos que fazer os testes nas comportas, então, nesse último sábado, a gente testou as comportas 1, 2 e 4, que são duas no Embarcadero e a 4 é na frente da Secretaria da Fazenda do Estado, na Av. Sepúlveda. E eu tenho a grata satisfação do presidente Bruno estar viajando no dia do contrato do fechamento das comportas 8, 9, 10 e 11 e estar na minha mão. E as novas comportas 10, 12 e 14, as novas comportas também já está o contrato assinado e a ordem de início já vai ser dada no início da semana que vem. Então, a gente tem a grandíssima notícia que, das 14 comportas, nos próximos três meses, a gente já fechou 3 e vamos fechar mais 4 e, até o final do ano, terão portões novos em todas essas comportas. As empresas já estão contratadas, o dinheiro está garantido. Três vão ter portões aqui na Castelo Branco, que é a da São Pedro, que ele sai de duas faixas, ou melhor, quatro faixas para apenas um portão de 4 metros. Então, na Av. São Pedro.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. VICENTE PERRONE: Não, não, são portões completamente novos, tecnologia completamente nova, motores que fecham e abrem automaticamente. Para os senhores e senhoras terem uma ideia, o portão 4, que é na frente, a principal entrada do Cais Mauá, ele foi fechado, nesse último sábado, em 49 segundos, em muito pouco tempo. Na outra vez que foi testado, demorou mais de meia hora para ele ser fechado. Então, todos foram revisados, as suas roldanas revisadas, instalação de parafusos, está muito melhor. Eu tenho vídeos disso, posso garantir para vocês. Estavam junto bombeiro, Defesa Civil, Ministério Público, Exército, Marinha, o Portos RS, o Cais Embarcadero, o governo do Estado, o governo federal, todo mundo acompanhando os testes que foram feitos no sábado agora, dia 3 de maio, pela manhã. Eu posso garantir para vocês que a empresa está selecionada para a

concretagem de 4 das 7 comportas da Castelo Branco e a instalação de novos portões e também fechamento. Eu sei que a comporta 14 é a mais polêmica, elas são duas aberturas, uma delas vai ser completamente fechada e um portão novo do outro lado, onde há trânsito de carro. Para vocês terem uma ideia, tinha 155 metros de aberturas em todo o muro e na Castelo Branco, a gente vai reduzir essa abertura para 51 metros. Então, a gente sai de 155 metros para 51 metros, reduz em 70% o número de aberturas no portão. Daí podem me perguntar, isso me perguntam praticamente todos os dias nas entrevistas que eu dou: e se chover igual ao que choveu ano passado? Primeiro, nenhuma previsão de nenhum instituto. A gente tem hoje contratado pelo governo do Estado, pela Prefeitura, um centro de meteorologia dedicado para a Prefeitura, dentro da Defesa Civil, que monitora diariamente. A gente recebe no celular relatórios diários de todas as movimentações de chuva, quando vai acontecer, os alertas, o horário, de onde vem a chuva, qual a intensidade, isso não tinha antes. Em nenhum modelo hoje se prevê, inclusive o oposto, temos estiagem, estão vendo o quanto tem chovido pouco, o nível do Guaíba hoje está em torno de 1,5 metros, 1,36 metros, então não há previsão hoje em nenhum dos modelos que chova. Em caso de chuva, em caso do rio subir, que a gente não acredita, a gente tem hoje tecnologias. O prefeito foi à Holanda, o governador foi à Holanda, a gente tem contato semanal com o escritório que representa as empresas da Holanda aqui no Brasil, de tecnologias muito melhores, que são usadas no mundo inteiro. São caixas de metal com areia dentro, que impermeabilizam muitas estruturas no mundo inteiro, e, se houver necessidade, não serão os bags, serão estruturas muito mais confiáveis e robustas, caso isso aconteça. Quarenta vezes mais rápida a instalação dessas novas estruturas, então eu posso garantir para vocês que hoje o sistema de proteção contra a cheia é muito mais robusto e eficiente do que ele estava em abril passado.

Falando dos diques, já está praticamente finalizado o dique da FIERGS, então a Zona Norte, ali o Porto Seco e a região atrás da FIERGS, hoje ela está 95% concluída, foi um dos diques onde extravasou, ele não rompeu, está 95% concluído. O dique do Sarandi, a gente o separou em três partes. A primeira

parte, onde não havia moradias e residências em cima, foi concluída, que é da casa de bombas 9 da freeway até a casa de bombas 10. São 1,1 km, com 5,80 metros, fica acima da cota que a chuva chegou em maio passado. A gente tem um problema judicial nos 300 metros, no Sarandi, onde ele rompeu, a gente deu todas as alternativas possíveis de acolhimento para as famílias, mas elas não querem sair dali, entraram na justiça, e perdemos a retirada dessas 25 famílias, então estamos esperando um julgamento em segunda instância para realizar. Tem a empresa contratada, é a mesma empresa que está fazendo o dique da FIERGS, e ela está contratada esperando essa decisão judicial. O dique da Vila Dique, esperamos iniciar as obras em seguida com o mesmo contrato, então também vemos hoje uma situação muito melhor.

(Manifestações na plateia.)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Gente, vamos pedir silêncio só um pouquinho, porque são informações importantes. Precisamos de silêncio aqui para que as pessoas possam entender essas informações. O Vicente, depois o DMAE, vai nos passar de uma forma mais didática também, para que a gente possa passar para vocês, mas vamos aproveitar que ele está aqui hoje para vocês terem essas informações. Então, se puderem fazer silêncio, depois sim, depois que for falar, não tem problema, mas agora vamos focar aqui.

SR. VICENTE PERRONE: Então, os diques também estão sendo trabalhados, todos os projetos estão executados, lembrando que todas essas obras foram feitas com dinheiro do DMAE. Para vocês terem uma ideia, está aqui o diretor financeiro do DMAE do meu lado, que não me deixa mentir, no ano passado, o DMAE teve um prejuízo, um déficit de R\$ 237 milhões. Então, agora que os dinheiros do governo federal, do governo do Estado estão saindo as portarias de definição de obras e tudo mais. E o DMAE não ficou parado um dia sequer, desde o início das chuvas até hoje. Eu sou testemunha que acompanhei, no passado, e estou lá sentado na cadeira diariamente nesse sentido.

Voltando aos itens, a gente tem diques que estão sendo refeitos, todos que não têm moradia em cima foram iniciados ou estão finalizados os processos de acolhimento, de retirada das famílias, de inscrição em bônus moradia, em estadia social, em todos esses programas, seja do governo federal quanto do governo municipal, estão em andamento. Mas muitas famílias acreditam que o valor pago, que é R\$ 200 mil, pelas residências delas, a residência delas vale mais do que R\$ 200 mil, por isso eles não querem. Muitos não se enquadram por ganhar mais de R\$ 4 mil. Então, o governo federal não dá nenhum dinheiro para a residência nova de famílias que ganham mais de R\$ 4 mil. A escolha das residências é um processo muito difícil, onde a Caixa Econômica Federal cria diversos, vamos dizer, poderia dizer barreiras, empecilhos e burocracias, é também, mas também são coisas jurídicas que o imóvel comprado precisa ter habite-se, precisa ter uma habitabilidade compatível com o que os engenheiros da Caixa acham que é regular, vamos dizer assim. Então é um processo, estamos falando de 1.700 famílias em cima de diques hoje em Porto Alegre, é um valor muito elevado, uma quantidade de famílias muito grande, mas que estamos trabalhando, junto com o DEMHAB – Departamento Municipal de Habitação –, junto com o governo federal, junto com o governo estadual para solucionar esse problema. E onde houve rompimento, estamos tentando sensibilizar a vizinhança, as famílias, para que a gente tenha o mais rápido possível as obras iniciadas e completas dos diques. Falando um pouco então de casa de bombas, que eu sei que é um aspecto que vocês têm bastante receio e eu posso garantir, e isso eu falo com o Marcelo, a cada chuva, falo com os vereadores, eles me procuram no meu WhatsApp, falo com diversas lideranças do bairro, vamos lá. O sistema é composto por 23 casas de bombas, elas iniciam na rodoviária e fazem o sentido de um relógio. Os números parecem ser complexos, mas é o sentido do relógio. Então, começa na rodoviária a casa de bombas 1; na Cância Gomes, com Voluntários da Pátria, a casa de bombas 2; na São Pedro, a casa de bombas 3; na Cairu, com Voluntários da Pátria, a casa de bombas 4; aqui a famosa casa de bombas 5; na saída da *freeway*, com a BR-116, a 6. Internamente, tem a 7 e a 8, aqui na Vila Farrapos; a 7 é na Av. Sertório,

atrás do aeroporto, a famosa Sílvia Brum, que tira toda aquela água da região da Santa Maria Gorete e do Arroio Areia; a 8 é aqui, é uma das internas que chamamos; a 9 e a 10, no Sarandi, e a 11 vai para a Zona Sul, no Arroio Cavalhada; a 12 é na frente do Beira Rio, na esquina do Beira Rio; a 13, no meio do Marinha do Brasil; 14 e 15, na Av. Ipiranga; 16, na Rótula das Cuias; 17 e 18, no Centro Histórico de Porto Alegre; depois, 19, 20, 21, 22 são internas também, uma tira a água da trincheira, aqui da Av. Ceará; outra, a 20, é na Vila Minuano, no Sarandi; e na Dona Alzira, a 21. Então, todas essas casas de bombas têm, isso é muito importante que todos vocês entendam, a função de tirar a água da chuva de dentro da cidade. Choveu, essa casa de bombas precisa retirar a água que choveu dentro da cidade para o rio. Então, ela não era um equipamento utilizado para retirar a água que entrou do rio na cidade no dia da enchente. Então, ela é um equipamento da drenagem urbana. A gente separa dois sistemas, o sistema de proteção contra a cheia. Eu não quero que a água do rio entre na cidade, para isso são as comportas, os diques e o muro. Outra coisa é o sistema de drenagem, tirar a água da chuva de dentro da cidade para fora do sistema de proteção. Por isso que as casas de bombas ficam muito próximas ao rio. Então, todas as 18, que são as externas, que a gente chama, foram atingidas pela enchente e todas ficaram destruídas. Então, a gente começou, o DMAE começou, assim que a chuva parou e a cidade conseguiu se restabelecer, reconstruir, pintar, limpar, refazer todos os quadros elétricos, revisar todas as bombas, são 101 bombas instaladas. Então, tira as bombas, revisa as bombas, limpa tudo isso, refaz todos os escritórios, refaz todo o cabeamento, refaz toda a elétrica de média e baixa tensão. Então, o escritório, vamos dizer, a sala de operações, iluminação, bombeamento, guarda-corpo, limpeza de poço, todo o sistema de automação, onde diz por internet que o poço está com qual nível, câmeras de segurança, tudo isso foi destruído. Hoje, todas as 22 casas de bombas operam em perfeito estado. Todas foram repintadas, todas com quadros elétricos novos, todas com bombas revisadas, com nível de poço eletrônico. Todas elas estão operando hoje com equipes terceirizadas em grupos de WhatsApp permanentes. A gente recebe agora, por exemplo, vai ter uma chuva

prevista para sexta-feira, em torno de 30, 40 milímetros, nada muito intenso no mesmo minuto, num longo espaço de tempo. Então, as equipes já estão designadas, quais vão trabalhar, em quais casas de bombas, revisão dos motores. A gente instalou 29 geradores em 18 casas de bombas, as prioritárias. A casa de bombas 5, aqui, tem dois geradores, tem, no mínimo, um ou dois geradores, empresas terceirizadas, permanente revisão dos geradores. Antes não tinha nenhum gerador, hoje tem 29. Quadros de transmissão automática, que são, caiu a luz da CEEE, liga automaticamente o gerador, então, isso foi instalado, acabou de ser instalado em janeiro passado. Telemetria, eu comentei, as empresas, agora, a gente está começando um novo projeto com a CEEE Equatorial, de ligação direta da subestação até 34 estruturas do DMAE, então, vai ter um cabo alto, onde não tem nenhuma árvore, nenhuma intervenção de nenhuma outra ligação, não vai sair para a casa de vocês e depois vai para a casa de bombas. Se dá um curto-circuito numa empresa, numa casa, um poste cai, uma árvore cai, este cabeamento do DMAE vai estar direto ligado na casa de bombas. Vai faltar a luz na casa de vocês e não vai faltar a luz na casa de bombas. Então, tudo isso foi feito, planejado, construído após a enchente. Então, a gente vem, hoje, com um olhar dedicado, conversando com as pessoas, trabalhando ininterruptamente para a gente ter um sistema muito mais confiável. E o último ponto que eu queria até comemorar com vocês, todas as redes da área alagada foram limpas, sugadas e hidrojateadas, acabou isso no final da semana passada. Um número para vocês entenderem o tamanho desse trabalho, foram 55 mil protocolos fechados, abertos e fechados, para a limpeza de 32 mil bueiros na área alagada. Foram 31 equipes trabalhando ininterruptamente, todos os dias, vocês devem ter visto os hidrojatos, os caminhões amarelos que vinham fazer uma barulheira, voltavam, os protocolos abertos, a gente sempre priorizou esse trabalho. Então, eu posso garantir para vocês, acho que nas últimas três, quatro semanas, dei mais de 50 entrevistas, falando sempre tudo isso que eu falei aqui. Comporta, casa de bombas, muro, dique, limpeza de rede, equipes trabalhando, telemetria, meteorologia, defesa civil, governo do Estado, governo federal, vereadores, a gente em grupos de

WhatsApp o dia inteiro, onde tem alagamento, câmeras de segurança da Prefeitura, vai ter chuva, a gente desloca pessoas para o centro de comando para monitorar pontos em que houve alagamento da outra vez. Como é que foi? Volta lá, vê as redes, na próxima chuva, monitora os pontos onde houve alagamento. Falo com o Ver. Marcelo, falo com o Byl, na Mário Quintana, falo com o Suci Sarandi, falo com diversos vereadores durante os temporais do verão. O que eu escuto é que diminuíram os acúmulos de água nas últimas chuvas, as casas de bombas, para vocês terem uma ideia, no vendaval que teve agora, início de abril, se eu não me engano, 31 de março, a gente ficou com nove casas de bombas sem luz. O Sarandi ligou o gerador às 17h da tarde e desligou o gerador às 10h da manhã do outro dia, com reposição de diesel na madrugada, monitoramento eletrônico do poço, videomonitoramento, tudo isso foi feito, mesmo com nove das 18 casas de bombas que têm gerador sem luz. Então, tivemos eventos em dezembro, onde não tinha toda essa estrutura, tivemos o evento da posse do Prefeito Melo, eu estava nas casas de bombas de gravata, quando estava tomando posse junto com o prefeito Melo, encerramos a posse, fomos para as casas de bombas. Então, hoje eu posso garantir para vocês, depois de quatro, cinco meses que estamos lá trabalhando diariamente nisso, não fui um final de semana para a praia no verão, não tive um feriado, porque, para mim, a minha incumbência é deixar esse sistema em perfeito estado, de uma forma que a população tenha. Eu tenho dito isso seguidamente, precisamos devolver a confiança na cidade, não é não deixar alagar, precisamos ter confiança de que o sistema funciona e que vocês durmam tranquilos e tranquilas, e que não vai ter esse tipo de problema novamente. Então, quero agradecer ao Marcelo pela oportunidade de nós debater esse tipo de coisa, mostrar o trabalho que está sendo feito e responder qualquer dúvida que fique.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Não tomou nem uma aguinha, viu? Foi direto, não é? E foi impressionante, porque... Eu não estou te escutando, desculpe. A dragagem. A dragagem do Guaíba.

SR. VICENTE PERRONE: Isso é um programa do governo do Estado, está sendo feito, se eu não me engano, o governo do Estado está investindo R\$ 300 milhões nesse programa.

(Manifestações fora do microfone. Inaudíveis.)

SR. VICENTE PERRONE: Não, não é isso, não é isso, não é isso. Tem sim. Bom, está bom. Eu não vou discutir, eu estou garantindo para a senhora que tem... Não, eu não estou lhe garantindo... Eu estou... Está bom...

(Manifestações fora do microfone. Inaudíveis.)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Mas aqui, pelo que eu entendi, em nenhum momento diz que tem muita coisa pronta, que está sendo feito isso, mas foi dito aqui, Dina. Foi dito aqui. E, por isso, é a intenção desta reunião, para a gente saber a realidade, para a gente continuar cobrando. Porque, até então, muitos não sabiam, por isso que estão aqui. Porque, se soubessem... Então, porque essa... Dina, essa é uma situação que é uma... Dinamara, essa é uma situação que compete ao governo do Estado fazer isso aí. Eu tenho acompanhado, inclusive, eu faço parte de uma frente parlamentar que foi criada dentro da Câmara de Vereadores, para a gente cobrar eles. Nós também estamos cansados, porque a gente só escuta falar, é que nem caviar: nunca vi, não conheço, eu só ouço falar. É uma questão que nem... a dragagem não é de responsabilidade da Prefeitura de Porto Alegre. Isso aqui nós temos que deixar claro. O diretor aqui, ele está dando uma informação que ele está acompanhando, mas agora cabe a nós irmos procurar. E assim: eu convidei o governo do Estado para vir aqui, foram convidados, não mandaram um representante mais uma vez, porque o governo do Estado não se faz presente em nada aqui. Essa é uma pauta que, lá na Câmara de Vereadores, nós vamos chamar eles, para que eles deem essa explicação com clareza para nós, da mesma forma que o secretário, que o diretor está dando essa resposta para

vocês, de tudo o que está sendo feito. A comporta 14, que era a maior dificuldade nossa aqui, hoje tem 30% dela só aberta.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Não, o que eu digo é assim, uma parte já foi lacrada.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Mas isso, assim, eu vou pedir para fazer, tá? Dina, vamos fazer assim, Dina, vamos fazer assim, depois, na tua inscrição, Dina, senão a gente vai atrapalhar tudo aqui, na tua inscrição.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Gente, a gente está fazendo esta reunião aqui, tá? Nós convidamos, tá? É muito difícil a gente conseguir trazer as respostas. Isso aí a gente vai cobrar, Dina. É nosso papel da mesma forma, da mesma forma, entendeu?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Então, Dina, isso aí tudo nós vamos estar cobrando, tá? É natural essa tua ansiedade, esse teu anseio, porque não é só tua, tá? E nós soubemos, entendeu, é a mesma situação. Não tem um dia só que quer que seja que nós não pensamos, principalmente agora, nessa situação. E uma das situações, Perrone, inclusive, eu postei no meu vídeo, é inadmissível pessoas estarem construindo um segundo piso nas suas casas, já pensando numa enchente, numa nova enchente. Então, mesmo que venha... "Ah, não, mas não vai acontecer nada, não vai acontecer nada." As pessoas

estão com um luto pós-enchente muito forte dentro da cabeça ainda. E não cabe a nós, entendeu? Esse luto pós-enchente, todos os dias ele é lembrado, e, com certeza, tu vais ser, não é o primeiro lugar que tu estás sendo questionado quando tu falas, enfim, isso aí vai acontecer. Eu sou questionado todos os dias, mas nós temos que falar a verdade. Nós poderíamos vir aqui e dizer o que todo mundo quer ouvir, não é, Dina? Como, em muitas reuniões, eles vão lá e dizem o que a gente quer ouvir, e nada é verdade. Com certeza, são questões que cabem a nós, comunidade, nós, moradores, estar sempre cobrando, estar sempre fortalecendo, cada vez mais, para que a gente consiga, sim, a questão da comporta 14, tem que ter solução rápida. Então, que faça ela primeiro, para mostrar para a população, para a comunidade aqui, que, sim, que ela pode, sabe, que esse sistema, ele vai funcionar, porque, até então, ninguém acredita. Esse sistema que foi feito lá no Centro se provou que, beleza, funcionou. Não dá para inverter, fazer essa 14 como o primeiro, porque foi onde tudo começou? Deixo aqui esse encaminhamento, de repente, Perrone.

SR. VICENTE PERRONE: Ela acabou de ser licitada. O DMAE tinha a intenção de fechar a comporta 14. Os clubes, vários clubes ali e o porto pediram para não fechar a comporta 14.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Dina, assim, vamos... Vamos dar continuidade, então.

SR. WILIBALDO JOSUÉ GRÜNER SCHERER: Pessoal, primeiramente, boa noite a todos. Eu sou o Wilibaldo, sou diretor de relacionamento com o cliente. Muitos rostos aqui eu já conheço, é a segunda vez que eu estou aqui presente com vocês. Quero agradecer, primeiramente, ao Ver. Marcelo pelo espaço para a gente poder conversar com vocês; e agradecer aos demais que estão presentes. Eu, como servidor da casa, posso afirmar para vocês, nesse período

dos quatro meses, o quanto o diretor Perroni está dedicado e esforçado para que as coisas aconteçam. Vocês têm que ver o quanto ele está incansável dentro da questão do abastecimento de água, esgotamento sanitário, as questões de drenagem. Eu acho que a explicação que foi trazida aqui é uma explicação extremamente clara, uma explicação extremamente técnica, eu acho que é fundamental todo esse esforço que está sendo dito e acho que é muito importante essa questão de valorização. Junto com isso também, eu sei o quanto está preocupado dentro da questão orçamentária, financeira, a preocupação de ter os recursos para os investimentos que são necessários, que vão dar tranquilidade dentro das obras, os investimentos que estão sendo realizados dentro desse aspecto. Faço primeiro essa introdução para vocês e eu espero conseguir sanar e demonstrar isso, até porque a gente está com um trabalho ferrenho. Eu estive aqui com vocês há, mais ou menos, quase dois meses, eu escutei uma quantidade de reclamações dentro do aspecto das contas e eu levei cada um desses casos comigo. Inclusive, hoje, eu estive em contato com o Ministério Público, porque a gente sabe que, por maior que seja qualquer tipo de problema, com bastante trabalho, a gente vai conseguir chegar dentro das soluções que estão dentro delas. A gente sabe que a cobrança de um consumo que havia sido um excedente de consumo em cima de uma fatura que vocês estavam recebendo lá por média e, ainda mais, com toda a enchente, com toda a calamidade que está, ela é injusta dentro dessa posição. Como muitos de vocês estavam aqui presentes, eu comentei com vocês de colocar a bola ao centro e começar um jogo novo, para a gente poder organizar isso, eu acho que é uma frase que talvez alguns de vocês aqui lembrem, pelo rosto que está aqui presente. Eu trago para vocês que a gente conseguiu dar um encaminhamento, um alinhamento com o Ministério Público, com a Defensoria Pública, para que aqueles ramais que estão na área que foi alagada, a gente possa efetivamente excluir aquele consumo da primeira leitura real e fazer a questão da revisão dentro dessa conta. A reunião de hoje, ela se tornou uma ata de audiência, onde participou promotor de justiça, Defensoria Pública, estavam presente eu, o diretor Bruno Vanuzzi, e também o diretor Carlos Eduardo da Silveira, lá do

Departamento Municipal de Água e Esgoto. Toda essa estrutura, essa conversa que nós tivemos juntamente com ele, a gente vai, nos próximos dias, encaminhar um segundo termo aditivo ao acordo que foi firmado lá na enchente, porque o termo que foi firmado naquele momento e o primeiro aditivo dele trataram apenas das contas de competência maio, junho e julho para aquele pessoal que não é tarifa social; e maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro para parte da tarifa social. Porém, houve contas, a partir da primeira leitura, pós-retomada dentro do processo, que, muitas vezes, têm um excedente de consumo, situações essas que foram apresentadas aqui e muito bem detalhadas, explicadas por vocês na reunião anterior em que eu estive aqui participando. Com isso, esses casos foram levados, porque querendo ou não, a gente está aqui à disposição de vocês. A gente está defendendo uma situação trazida por vocês. Com isso, a gente verificou que a melhor solução para essa é o acordo com o Ministério Público contemplando esse excedente de consumo, que vai se tornar, depois disso, um encaminhamento de um projeto de lei. Então, acredito eu, que nos próximos 15 dias se finaliza a questão do acordo do Ministério Público, e decorrente, mais 20, 25 dias, deve estar depois um projeto de lei do Executivo sendo encaminhado à Câmara para validar aquele acordo do MP.

Feito isso, a gente vai tentar propor, junto com isso, também, uma proposição de um Refis, em que muitas pessoas também seriam beneficiadas e traria condições que também auxiliariam todos vocês.

Então, esse é o panorama que está dentro, é a questão de dizer para vocês que as demandas que foram trazidas não foram esquecidas, e a gente vai, em seguida, ter novidades, em princípio, acredito eu, e tanto o Ministério Público, Defensoria Pública, como o DMAE e a gestão do município de Porto Alegre estão comprometidas para a gente resolver a problemática das contas, o problema que é oriundo ainda de uma gestão anterior e a gente está trabalhando fortemente, de forma incansável, para resolver toda essa problemática.

Muito obrigado para vocês e uma boa noite para todos.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Obrigado. Vamos abrir as inscrições, então, gente? Já está tudo anotado aqui, só estou dizendo que nós vamos abrir a fala, desculpa – abrir a fala das inscrições! Então, vamos estabelecer um tempo de dois minutos. Tiago de Freitas, vamos lá, Tiago, o senhor tem a palavra. Nome e comunidade que está representando, só para ficar registrado, Tiago.

SR. TIAGO DE FREITAS: Boa noite, eu sou o Tiago, alguns me conhecem por Taz, eu moro na Vila Farrapos, mas eu não me considero da Vila Farrapos, eu moro na região e eu sempre estou buscando acho que o melhor para as comunidades aqui. Enfim, eu anotei algumas coisas para perguntar, mas o diretor já tinha comentado algumas coisas.

Então, das comportas, a gente sabe que a 14 é o ponto crítico aqui da região; casas de bombas, ele comentou algumas coisas também; dos dutos também, que eu tinha anotado aqui. Então a minha principal pergunta vai ser assim, tipo, um ponto: a gente tem muitos alagamentos na região ainda. Dois pontos que eu anotei aqui: DC Navegantes, próximo ali à casa de bombas 5, na Rua Voluntários da Pátria, e próximo onde eu moro, ali na Rua Luiz Carlos Pinheiro Cabral. São pontos que alagam. No dia 1º de janeiro, na Luiz Carlos Pinheiro Cabral, ali encheu a rua, eu não sei quanto subiu, mas o Luciano, que é vizinho, alagou bastante ali na rua, o pessoal ficou apavorado, pensando que ia entrar dentro das casas. E, além disso, como o diretor falou, para mim, pelo que ele comentou, está tudo 100%. Então, a minha pergunta é, se chover uns sete dias, alaga a região ou não?

SR. VICENTE PERRONE: Vamos lá. DC Navegantes, eu conversei com a Marise, só para esclarecer, a minha família tinha cinco, seis imóveis no 4º Distrito, todos foram destruídos. O meu único negócio era a praça de alimentação do DC Navegantes, eu era secretário e, antes de ser secretário, eu tinha aquele negócio. Perdi tudo e não reabriu. Então, só para mostrar para vocês o quão sensível eu sou em relação à região. Eu fui colega do gerente de

manutenção do Trensurb, então, estabeleci a conversa com eles. A gente, hoje, tem uma relação muito melhor. O DC ainda pega a casa de bombas do Trensurb, Rua Lauro Müller com Rua Frederico Mentz. O último bueiro, a gente refez aquele bueiro por baixo do trem, exatamente naquele portão da fábrica Guaíba e do portão de manutenção do trem. No final da Frederico, esquina com a Lauro Müller, tem dois bueiros ali, e refizemos a rede dentro da fábrica Guaíba, que tinha uma obstrução. Antes, aquilo ali era uma rua; depois a fábrica fechou e fechou aquele acesso até a Voluntários. Tem ali uma boca de lobo que já tinha sido refeita quando eu era secretário de Desenvolvimento, em 2021, praticamente embaixo da ponte, na Voluntários; ela foi refeita agora. Então, a casa de bombas do Trensurb, hoje, está operando perfeitamente com gerador do DMAE, um eletrocentro do DMAE. Após toda essa parceria, entre aspas, melhorou bastante, a gente não teve mais nenhum evento de acúmulo de água no DC, nas últimas chuvas. Eu sei do evento de 1º de janeiro, eu estava nas casas de bomba, não havia diversos procedimentos-padrão que hoje existem com as empresas que operam a casa de bombas, com a empresa que opera as bombas, com a empresa que opera os geradores, com a CEE Equatorial, com linha vermelha.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. VICENTE PERRONE: Isso, é a casa de bombas do Trensurb que opera o DC ali. Então, exatamente no DC, em direção à Arena, é a casa de bombas 5. Tem um bueiro ali, que é a casa de bombas 5. Da metade do DC, em direção à casa de bombas do trem, é o trem. Então, tem o canal da Rua Dona Margarida, que passa embaixo da Rua Dona Margarida e chega, que é o canal de acesso à casa de bombas do trem, ele foi limpo, ele é um canal de muito difícil acesso. Então, a gente vem trabalhando naquela região incansavelmente. É uma região que, pelos relatos que eu recebi, não teve mais acúmulo de água ali. Tu falaste da casa de bombas 5. Hoje, é a casa prioritária, eu posso dizer, é a casa de prioridade número um. Essa é a casa de bombas 10, que é do Sarandi, que são

as duas regiões que a gente tem uma atenção. As duas tem dois geradores, tanto a casa de bombas 5 quanto a 10 tem dois geradores. A casa de bombas 6 também tem dois geradores. Então, são essas casas de bombas que eu digo que são as prioritárias.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. VICENTE PERRONE: A 8, sim. A 8 é uma casa pequena, nem teria espaço para ter dois geradores. Então, são casas de bombas que suprem um bairro inteiro. A casa de bombas 6 supre o Anchieta inteiro; a casa de bombas 10 supre o Sarandi inteiro; e a casa de bombas 5 supre Humaitá e Vila Farrapos, com uma ajuda, vamos dizer assim, da casa de bombas 8. Mas a prioritária, a gente sabe, é a casa de bombas 5. Então, a questão da limpeza, a questão do monitoramento da região com as lideranças, principalmente o Ver. Marcelo, e esse trabalho em conjunto com o Trensurb para fazer com que não tenha mais acúmulo de água na região. Acho que respondi todas as perguntas.

SR. LUCIANO PINHEIRO OSÓRIO: (Manifestação fora do microfone.) A dúvida é: ainda tem alguns pontos na região, né? (Ininteligível.) Na frente da casa ali das bombas número 5... (Ininteligível.) ...a água lá há 60 anos e ela alaga.

SR. VICENTE PERRONE: Aqui na frente da Arena?

SR. LUCIANO PINHEIRO OSÓRIO: É, na frente da Arena. Nunca ninguém mexeu em nada e continua alagando ainda.

SR. VICENTE PERRONE: Vamos mexer, então.

SR. LUCIANO PINHEIRO OSÓRIO: Eu tenho comércio ali, eu já perdi diversas vezes.

SR. VICENTE PERRONE: Então, vamos trabalhar nisso.

SR. LUCIANO PINHEIRO OSÓRIO: Na minha rua, eu já andei olhando, tem canos de 300 milímetros, não sei como se chama. Na rua lateral é de 400, tem de 800. Só que na Rua Luiz Carlos Pedro Cabral, do outro lado da rua, tem uns outros canos que estão desativados. Na quadra 80, mais ou menos no número cento e alguma coisa, ali tem um duto que corre por baixo, porque demoliram as casas e fizeram um duto que corre por baixo, atravessa Frederico Mentz e vai para dentro da Mário Quintana, que também sai lá na Voluntários da Pátria. Que a gente informou ao secretário e ao pessoal do DMAE, que também estiveram lá e só olharam; quando a gente foi falar com eles, eles estavam assim, viraram as costas e foram embora. Ninguém falou nada com nada, nesse dia o Ver. Marcelo estava lá. E o que acontece? Continuou alagando aquilo lá. Agora que estão arrumando aquele valão da Rua Graciano Camozzato, tirando árvores isso e aquilo, fazendo ainda modo tartaruga, que não estão fazendo nada, entendeu? E a rua ainda continua enchendo.

SR. VICENTE PERRONE: Ali tem o problema das placas de concreto armado que tem que fazer a contenção daquele canal ali.

SR. LUCIANO PINHEIRO OSÓRIO: Sim, mas a gente falou, então está obstruindo ali nesse número que eu lhe falei, ali por baixo, que eles refizeram as casas dos moradores e botaram os dutos ali por baixo. Mas nada disso funciona, está sempre... Choveu, ligou uma mangueira, vamos fazer uma sátira, encheu a rua, entendeu?

SR. VICENTE PERRONE: Eu vou pegar esse endereço, eu mesmo vou ali com o diretor de drenagem.

SR. LUCIANO PINHEIRO OSÓRIO: E agora está pior, antes vinha até a minha esquina, tem vários vídeos aí, se o senhor pegar no YouTube, tem vários vídeos

sobre a minha rua. Antes, a minha casa é aqui, ela ia até ali onde estão as gurias. Mas agora ela está indo mais ainda adiante, não pelo asfalto, pelo asfalto melhorou muito, que foi colocado, entendeu?

SR. VICENTE PERRONE: Como é teu nome?

SR. LUCIANO PINHEIRO OSÓRIO: Meu nome é Luciano.

SR. VICENTE PERRONE: Luciano, eu pessoalmente vou pegar esse assunto.

SR. LUCIANO PINHEIRO OSÓRIO: Sim, a gente gostaria de ver isso aí. Em relação também às contas d'água, que o senhor colocou. Então, essas contas d'água, eles vão...

SR. VICENTE PERRONE: É que, assim, o que acontece? Eu vou tentar ser um pouco mais didático que o Wilibaldo, só tentar. Tinha um acordo que isentava seis meses, não é? Tarifa social, seis meses, e tarifa não social, três meses – maio, junho e julho. Como tinha uma empresa com problema de medição, a empresa não estava medindo, a sede da empresa era numa área alagada, ela perdeu tudo e foi embora a empresa, acabou a empresa. Então, o que aconteceu? O DMAE cobrou, por média, meses que não deveria ter cobrado. Então, os senhores e as senhoras pagaram maio, pagaram junho e pagaram julho nas não sociais e pagaram maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro na tarifa social, ou foram cobrados por isso, pela média. Não deveriam ter sido cobrados. Quando voltou a medição em outubro, novembro, como estava sendo cobrado pela média, e muitos de vocês, eu tenho certeza absoluta, lavaram as casas, usaram muito mais água, perderam caixa d'água cheia de água, tudo isso aconteceu. Quando mede, não estava medindo nunca, mediu, obviamente vai vir o consumo daquele período inteiro, então, vem um absurdo. O que o Ministério Público e nós estamos fazendo? Pega cada uma dessas contas, tira aqueles seis meses, tira aquele excedente e, se houve consumo excedente, tira

esse extra, vamos dizer, vai ficar um pouco mais, que são os meses que, por ventura, não foram pagos e parcela isso em 18 meses, 12, 18 meses.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. VICENTE PERRONE: Não, o excedente não, vai tirar os seis meses, vai tirar os três meses, se houve um...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. VICENTE PERRONE: Não, não, seis meses não vão pagar. Então, vai tirar tudo isso, entendeu? Vai descontar esse valor. Quem pagou a mais...

SR. LUCIANO: ...normal que é o justo que a gente que pagar, sobre isso.

SR. VICENTE PERRONE: Exatamente. Então, esse justo vai ser dividido em 18 meses para frente.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Hoje a tua já está vindo justo.

SR. LUCIANO: Não, a minha foi de fevereiro agora que foi alta.

SR. VICENTE PERRONE: Foi alta, então, essa alta vai tirar tudo isso e vai pagar o justo. Se não tiver dinheiro no dia, vai poder parcelar em até 12, 18 meses. Entende?

SR. LUCIANO: E outra coisa também, e também tem ali onde fizeram, que todo mundo chama de Loteamento Tresmaiense, ali também, aquilo ali também é crônico aquilo, choveu... É bem mais baixo ali quando fizeram a construção.

SR. VICENTE PERRONE: O problema é a ligação, a gente fez uma vistoria. Fizaram a ligação da 8 com a 5, falando aqui para vocês, muito malfeito. A rua está cedendo ali.

SR. LUCIANO: Aquilo ali as pessoas sofrem bastante também, não é?

SR. VICENTE PERRONE: Eu sei, eu já fui ali. Qual é o problema disso? A gente vai ter que fechar aquela rua, abrir a rua, refazer a galeria, mas a gente não pode também esquecer que a galeria tem que funcionar para tirar da 8 e levar para a 5. A gente vai ter que consertar o carro com o carro andando, literalmente. Então, não é uma obra tão simples, mas a gente sabe disso. Eu já fui várias vezes com o Marcelo ali e a gente já fez essa vistoria, a gente sabe desse problema.

SR. TIAGO DE FREITAS: Só para complementar o que o Luciano falou ali, eu acho que ele quis comentar na entrada que tem na frente ali onde tem a SAMU, que ali é bem baixo. Só frisando isso, mas a minha dúvida não foi esclarecida: se chover sete dias hoje seguidos, estamos seguros? Não vai alagar?

SR. VICENTE PERRONE: Não vai alagar. O que acontece? Chover sete dias seguidos é melhor do que uma pancada intensa, curta e de volume. O sistema é feito para absorver a chuva ao longo de um período. Então, chovendo constantemente durante um longo período, sei lá, 100 milímetros, em dois, três dias, é melhor do que chover 50 milímetros em meia hora. Então, o sistema é feito para absorver chuva por tempo. Encurtar o tempo e aumentar a chuva, esse é o pior cenário. Então, a gente teve chuvas agora de 40, 50, 60 milímetros em meia hora. Para vocês terem uma ideia, choveu 500 milímetros no mês de maio em Porto Alegre. Então, se chover 50, 60, 70, 80 milímetros em sete dias, um mês chove, mais ou menos, 100 a 120 milímetros. Se chover em sete dias o que chove em um mês, a gente tem capacidade de tirar 30, 40 milímetros por hora – esse é o sistema. Se chover mais do que 30, 40 milímetros por hora, vai ter acúmulo de água. Se as bombas funcionarem, essa água rapidamente vai

baixar. Então, chover sete dias não é o problema, o problema é ter chuvas muito intensas em períodos de tempo muito curtos.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. EDRIANE LORENZI: Boa noite a todos. Eu sou moradora aqui do bairro há 30 anos. Gostaria de ver com o senhor, secretário... Eu sou Edriane Lorenzi, moradora do bairro há 30 anos. Sobre a limpeza das bocas de lobo, eu gostaria de saber, eu sei que é uma empresa terceirizada que faz isso, mas tem alguma fiscalização? Porque eu acompanhei na minha rua, Rua Max Juniman, e acompanhei também a limpeza das bocas de lobo da Rua Dr. Caio Brandão de Mello. Na Rua Max Juniman, em frente ao meu prédio, fizeram uma limpeza ótima, sugaram tudo que puderam, abriram, limparam, sugaram tudo. Já na Caio, foram lá, abriram a tampa, tiraram um pouquinho aí, deixaram um montinho no lado, fecharam, não lavaram nada. Então, eu acho que teria que ter uma fiscalização da Prefeitura, eu acho, acompanhando essa limpeza. Porque é feito meia boca, dá para se dizer, porque uma eles limpam bem, outras não. E não tem uma sequência na limpeza, fazem uma, deixam outras, depois voltam outro dia. Inclusive, na frente do meu prédio, limparam três vezes, sendo que outras não foram limpas.

SR. VICENTE PERRONE: Como é que funciona? Tem fiscais da Prefeitura, pode haver falhas, e a fiscalização é para isso, mas todo caminhão ou grupo de caminhões tem, no mínimo, um fiscal do DMAE. Então, isso não deveria ter acontecido. Se limparam mais de uma vez, provavelmente é porque houve mais um protocolo. Então, alguém que num evento, numa chuva, ou alguma coisa nesse sentido, e abriram mais um protocolo, voltam lá. Todos os pontos são mandados por WhatsApp, com localização. Então, é colocado no Google Maps, tem um controle de todos esses pontos, de todos os protocolos. Existe um controle bem rígido para a gente conseguir, inclusive, o reembolso do governo federal, do governo estadual, tem que ter esses controles onde foram. Então,

tanto a Diretoria de Operações, quanto os fiscais garantem e têm comprovações que todos os postos, os PVs, que a gente chama, as BLs e PVs, foram limpas e foram, no mínimo, uma vez. Alguns foram três, quatro vezes. Como eu disse, são 22 mil pontos que foram vistoriados 55 mil vezes. Então, tem posto que foi uma vez, tem posto que foram duas, e tem posto que foram mais de duas. Então, isso eu posso garantir e o serviço continua. Pode abrir protocolos, isso vai direto para a equipe, 156, na internet mesmo, no aplicativo do celular, dá para abrir protocolo e monitorar isso, dá para mandar para o Marcelo e eu recebo e a gente faz esse trabalho mais uma vez. Tem várias reclamações e quem retira isso é o DMLU. Então, o DMLU vai... Ele sabia, só pela cara dele, ele sabia, viu? Quando tem um montinho ao lado, é com o parceiro aqui ao lado, mas eles limpam isso. Pode ficar um dia, o problema é se chove, seguidamente o prefeito manda reclamações nos grupos falando sobre, vamos dizer, não serviço.

SRA. INÊS: Boa noite novamente. Eu sinto muito que a enchente de 2024 tenha caído nas mãos de vocês.

SR. VICENTE PERRONE: Eu acho que é uma missão.

SRA. INÊS: Talvez, e eu pergunto para vocês, o que vocês fizeram antes?

SR. VICENTE PERRONE: Eu não estava lá, eu não posso dizer.

SRA. INÊS: Tu não tinhas carreira política?

SR. VICENTE PERRONE: Não, eu era secretário de Desenvolvimento Econômico.

SRA. INÊS: Está. Marcelo, me responde quantos mandatos tu tens? Por que não foi feito antes esse trabalho nas casas de máquina, na comporta 14? A comporta 14, em novembro de 2023, já tinha dado problema. Foram dezembro,

janeiro, fevereiro, março, abril, maio, seis meses e nenhuma atitude. Se arrebenta alguma coisa na minha casa, claro, eu tenho autonomia, eu vou fazer. Só que assim, gente, o que nós, o DMAE perdeu R\$ 200 milhões, vocês tiveram de prejuízo, calcula nós – nós!

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: E nós fizemos em um ano tudo.

SRA. INÊS: Não, eu não fiz nada ainda, eu não fiz nada. Eu tenho quatro paredes, eu tenho quatro paredes. O que eu perdi, além da minha sanidade mental, e estou aqui expondo para todo mundo, cara, vocês não têm noção. Então, assim, eu acho que vocês são eleitos para cuidar do povo. E, na minha opinião, isso nunca foi feito. Caiu a bomba na mão de vocês, poderia ter sido em outro, mas, assim, não é agora, depois da porta arrombada, que vocês vão fazer alguma coisa. Eu não acredito mais tanto, vou me expor mais uma vez, não votei e não votarei mais em ninguém. Então, tipo, os meus dois minutos acabaram, gente.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Entendo, tá? Até entendo a sua indignação, né? Eu, como a senhora sabe, fui conselheiro tutelar aqui nessa região, inclusive me criei com seus filhos, enfim, ali, 20 anos. E assumi praticamente na mesma situação do Perrone, porque, infelizmente, nós estamos nesta Mesa. Pegamos um balão e fomos passando ele, enchendo. Uma hora ele vai estourar na mão de alguém. Né, dona Lurimar? Então, lá atrás, já não fizeram o que tinha que ser feito. Toda a projeção que foi feita na enchente de 1941, se calculava lá que fossem feitos os diques com quatro metros. E hoje, com essa nova enchente, não são quatro metros. Pensa-se em até cinco, seis, e até em alguns lugares em sete metros. Então, assim, eu assumi agora há pouco como vereador. O primeiro vereador da história do nosso bairro. Porque, dona Lurimar, que sabe da nossa luta, eu não tive a oportunidade ainda de mostrar, ou seja, todo o meu empenho a partir deste mandato, como vereador, é importante eu estar aqui para dizer para vocês, está sendo feito aqui. Porque nessa última

eleição, agora, com toda dificuldade, com pouca estrutura, eu fui o 12º vereador mais votado na cidade de Porto Alegre. “Ah, mas tu tinhas dinheiro.” Não. Gratidão das pessoas, porque elas confiaram em mim, elas acreditaram em mim. Assim, eu não tiro nenhuma razão da senhora, porque a gente vê o que está aí fora dessa política, é um lulismo, é um bolsonarismo, é um ísmo, e o povo com o... (Expressão retirada por determinação do orador.) Entendeu? Essa é a realidade. A gente está em casa aqui, a gente... Então, é assim, todos os meus esforços estão focados para cá, e eu tenho essa missão de falar a verdade para vocês. E na campanha, eu não menti nada para ninguém, eu não prometi nada para ninguém que eu não pudesse cumprir e não vou fazer isso. Muitos me pediam, Vicente, temos que ter o DMAE, temos que ter... Trouxe. E a mesma cobrança que vocês fazem, que estão fazendo aqui, eu faço todos os dias. Só no DMAE, do momento que eu entrei, no nosso primeiro mandato, está aqui a minha equipe, cadê minha equipe? Quero que levantem aqui. Todas as demandas que chegam para nós, nenhum vereador teve tantos pedidos de providência no DMAE como eu tive. Só no ano passado foram 1.400 pedidos de providências. Para o DMLU nem se fala. Então, é um trabalho que é difícil, porque a comunidade aqui, culturalmente, a gente só era lembrado em época de eleição, que o pessoal vinha aqui, roubava nossos votos, e depois nunca mais aparecia. Hoje, não! Hoje nós temos um representante, só que eu sou sozinho. São 35 vereadores, e eu estou aqui. Então, eu digo para vocês...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível).

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Mas, senhora, imagina se todo mundo pensa assim. ... Aí eu não ia me eleger. ...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível).

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Não, é isso, dona Nara. ... Não, e é isso, porque muitas pessoas não acreditavam, e historicamente, nenhum

vereador da cidade de Porto Alegre fez tanto voto numa região, eu digo, em seis escolas, foram 5.300 votos, em seis escolas, Vila Farrapos, Humaitá, nunca ninguém fez. Por quê? A partir dessa necessidade, porque hoje as pessoas entendem que nós temos um representante daqui. E eu tenho esse compromisso, essa missão de falar a verdade para vocês. Eu nunca vou chegar aqui e vou mentir para vocês alguma coisa que vocês queiram ouvir só por ouvir. Eu prefiro que vocês saiam brabos daqui comigo, de eu ter falado a verdade, do que eu ter mentido para vocês, e vocês falarem mal de mim de eu ter mentido. Falem mal de mim de eu ter falado a verdade, mas não de ter mentido.

(Manifestações fora do microfone.)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): A questão do IPTU já foi... Já teve.

SR. VICENTE PERRONE: De maio a dezembro.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): De maio a dezembro. De maio a dezembro. Todos tiveram.

SR. VICENTE PERRONE: A senhora pagou à vista ou parcelado?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível).

SR. VICENTE PERRONE: Então a senhor tem que ter o desconto deste ano, sim!

(Manifestações paralelas. Inaudíveis)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Mas não veio ainda o carnê da senhora?

(Manifestações paralelas. Inaudíveis)

SR. VICENTE PERRONE: Com o mesmo valor do ano passado?

(Manifestações paralelas. Inaudíveis)

SR. VICENTE PERRONE: Não, não. Olha só, eram 80% de desconto. Eram dez parcelas, de março a dezembro. De maio a dezembro foi o desconto. Então, foram oito meses de desconto de um total de dez.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): A senhora mora em apartamento?

(Manifestações paralelas. Inaudíveis)

SR. VICENTE PERRONE: Ah,...

(Manifestações paralelas. Inaudíveis)

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Então, é o desconto inteiro.

SR. VICENTE PERRONE: Tem que pegar o contato dela... A área atingida, imóvel térreo, tem 80%. Se pagou à vista, pagou em março, antes da enchente. então, ela pega o crédito para este ano. Quem pagou à vista...

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Eu vou pegar o seu contato para ver isso aí.

SRA. VIVIANE PRATES LUDUIG: Boa noite, pessoal. Tudo bom? Assim como muitos aqui, eu moro aqui no bairro há quase 40 anos, onde a Arena do Grêmio

era um colégio, o Poli. Eu estudei lá a minha vida inteira, do ensino fundamental, e sempre alagou, o Humaitá sempre alagou, aquela região, Vila Farrapos... Eu chamo Humaitá, mas é Vila Farrapos, né? Então, não é de hoje. Segundo ponto: a gente tem mais um vereador aqui do 4º Distrito, tá, pessoal? Eu não vou citar nomes aqui, mas ele fica na parte mais nobre, onde tem comércios mais pomposos, o pessoal com uma renda mais alta. Não vou citar nomes aqui, o Marcelo já sabe quem é. Tem um outro senhor, um gringo que anda por aí também, depois que o Marcelo faz as coisas ele também aparece por aqui. então, Marcelo, o meu voto foi teu, eu te conheço desde sempre também. Qual é a minha preocupação, hoje, pessoal? Até eu não entendi o que o diretor quis falar com a questão dos pagamentos. Eu vou trazer de novo, sinto muito se o senhor ficar ofendido...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não, não fico ofendido com nada... Não fico ofendido com nada.

SRA. VIVIANE PRATES LUDUIG: Mas eu não consegui entender direito. Eu tenho um comércio que foi alagado e veio agora uma conta de R\$ 10 mil. Veio outra de R\$ 6 mil. E uma terceira, agora, de R\$ 3.500,00. A minha conta é de no máximo R\$ 900,00. Então, eu não consegui entender se vai ser a partir daqueles R\$ 10 mil, que foi a primeira conta fora do eixo, eu vou esquecer e as demais eu vou ter que pagar, ou eu vou ficar nessa média do que já é meu normalmente.

SR. WILIBALDO JOSUÉ GRÜNER SCHERER: Tudo bem? É importante trazer esse tipo de pergunta por que essa dúvida pode ser de mais de uma pessoa. Inclusive eu estava conversando com os assessores dos vereadores, o que acontece? A primeira ação que a gente procedeu foi ajustar e organizar o processo de leitura. Então, esses últimos dois meses foram de bastante trabalho, a gente pegou uma situação onde havia muitos perfis de estorno de consumo, leituras equivocadas, situações que estavam apresentando consumos elevados dentro das contas. O que foi feito de ação? Foi organizado o processo de leitura.

O que significa organizar o processo de leitura? Que as novas contas sejam cobradas exatamente conforme está o consumo lá dentro do relógio. A questão do acordo do Ministério Público se refere à primeira conta pós retomada do processo de leitura. O que pode estar acontecendo, até pela flutuação das contas que tu estás mencionando, tu podes estar com um vazamento não aparente dentro do teu ramal. Inclusive, o que eu peço, a primeira coisa a confirmar, se eventualmente tu fechares todas as torneiras, todos os registros de entrada, se o relógio fica parado, efetivamente parado.

SRA. VIVIANE PRATES LUDUIG: (Manifestações fora do microfone. Inaudível.)
...mas não tenho nada, está tudo desligado, a gente fechou os registros, está tudo zerado.

SR. WILIBALDO JOSUÉ GRÜNER SCHERER: O relógio fica exatamente parado quando não tem...?

SRA. VIVIANE PRATES LUDUIG: Fica normal. Não mexe.

SR. WILIBALDO JOSUÉ GRÜNER SCHERER: Tá. E as três contas que tu mencionaste, porque são valores que flutuaram dentro delas, elas apresentaram exatamente o volume de consumo com o que está na conta?

SRA. VIVIANE PRATES LUDUIG: Eu não sei te dizer, porque eu não olhei essa parte.

SR. WILIBALDO JOSUÉ GRÜNER SCHERER: Tá. Isso é importante, porque se não pode ser um problema de leitura, como pode ser? Inclusive, eu estou com o coordenador de leitura do DMAE, servidor da casa aqui, ele vai pegar teus dados, amanhã a gente vai verificar e qualquer coisa vai ser tratado, conferido isso, está bem?

SRA. VIVIANE PRATES LUDUIG: Perfeito, porque é uma dúvida muito forte. A gente ficou um mês e meio fechados, né? Inclusive, eu terminei, voltei pra minha casa agora em dezembro...Porque eu tive que abrir o restaurante pra poder voltar pra minha casa, pra colocar um sofá, pelo menos.

SR. VICENTE PERRONE: Sempre quando dá essa situação, é importante ir no hidrômetro, pegar a conta... Porque normalmente a conta entrega agora automaticamente, né? Mediu, já entrega. Se tu ver um valor desse, vê se a leitura está igual ao hidrômetro.

SRA. VIVIANE PRATES LUDUIG: Porque a comunicação com o DMAE tá bem difícil.

SR. VICENTE PERRONE: Bem ruim.

SRA. VIVIANE PRATES LUDUIG: O 156 não funciona pra ligar, o WhatsApp da prefeitura pra tentar falar com o DMAE também não tá legal.

SR. VICENTE PERRONE: Sabemos, a gente vai melhorar isso. O atendimento do DMAE não é bom, e a gente vai melhorar. Então, se é isso...

SR. WILIBALDO JOSUÉ GRÜNER SCHERER: Aproveitando, eu mencionei a questão de vazamento não aparente. Eu até vou trazer uma informação pra todos, porque às vezes não é de conhecimento e às vezes é útil esse tipo de informação ser divulgado e passado nesse fórum. Até porque, querendo ou não, vocês têm vizinhos, conhecidos, amigos, tem pessoas aqui que são assessores do vereador, então também podem disseminar essa informação. Se eventualmente... Agora com o processo todo de estabilização de leitura... Realmente houve um problema no passado, mas com bastante trabalho, com bastante organização, foi retomado o processo de leitura real de todos vocês. Se, eventualmente, alguém ainda recebeu uma segunda conta com valor

elevado, ela provavelmente pode estar atrelada a um consumo que está transitando por dentro do relógio, que é um consumo com vazamento não aparente. Se eventualmente isso divergir demais daquilo que vocês estavam acostumados como média de consumo e uma realidade dentro da residência de vocês, façam teste eventualmente para verificar se vocês não estão com vazamento presente. E se alguém está com vazamento, com uma situação dessa, e proceder o conserto, existe um benefício dentro da própria legislação, que está previsto no Decreto Municipal nº 13.475, § 2º, que permite uma redução das contas com aumento de consumo decorrente de vazamento oculto comprovado pelo usuário ou proprietário do imóvel, através dos meios de prova permitidos em direito, facultado ao DMAE a confirmação do alegado, através de vistoria hidráulica, sendo cobrado da seguinte forma: “letra a: o consumo médio pelo cálculo progressivo, acrescido de duas vezes o consumo médio pelo valor do preço básico, quando o consumo for superior a três vezes a média.” “E letra b: o consumo da média pelo valor do cálculo progressivo e o consumo restante pelo valor do preço básico, quando o consumo for inferior ao triplo do consumo.” Então, isso também é uma situação possível e a informação é importante para ser divulgada a todos.

SRA. LURIMAR ALMEIDA FIUZA: Quando começou a construção da arena e da rodovia, antes de ter aquilo ali, bem na descida da rodovia, nós tínhamos uma galeria, e as águas que vinham da chuva iam para a boca de lobo e caíam naquela galeria, então, aí, o que aconteceu? Quando dá essa chuarada lá, o condomínio Liberdade Arena, não fica cheio d'água. A gente não viu aterro nenhum para fazerem aquilo lá, ali era um banhado, só que lá está sempre sequinho. O que fizeram com a nossa galeria? Fecharam? Eu acho que fecharam. Porque depois que foi feito, que veio a rodovia, começou, lá onde mora o Luciano, vir a água até...

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): E nós lembramos, D. Lurimar, desculpa interromper a senhora... Porque já tinha, muitos anos atrás, eu me

lembro porque eu participei de reuniões, projetos de milhões, mas que tinha que fazer um desvio, porque os pilares de sustentação da ponte estão dentro do Canal Norte.

SRA. LURIMAR ALMEIDA FIUZA: Aí, o que aconteceu? Lá não tem água, mas, daqui para cá, a água vem toda. Então, para onde está indo as águas da boca de lobo? Claro que elas vão ficar ali onde nós moramos. Ele mora ali no lugar que enchia sempre, mas era até aqui, e, depois disso, vem até a cintura. Na minha rua não tinha água, começou a ter. E ninguém deu uma resposta. No dia que estavam mexendo, eu fui lá com o Sérgio, conhecido da região, queriam me prender, porque eu queria chamar a polícia e tudo mais, porque eu não aceitei. Eu queria que desse uma solução, por causa da boca de lobo, que eu tinha certeza que caía ali. Então, será que isso também não ajudou bastante, hoje, essas calamidades serem tão violentas? Porque não tinha. Eu acho que nós temos que saber como que ficou essa situação.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): A Sra. Ana Paula está com a palavra.

SRA. ANA PAULA ALFAMA: Boa noite, complementando o que o vereador falou, se tudo fosse justo, as prioridades teriam sido feitas primeiro, antes dos interesses. Por que a comporta do Embarcadero e não a 14? A gente sabe por quê. A casa de bombas 5, não vou me preocupar, porque ali no DC vai ter um baita empreendimento. Então, ali não vai alagar mais. Espero, porque ele já prometeu que não alaga mais, se tiver sete dias. Eu queria saber, de forma sucinta, qual é a obra da comporta 14? O que está sendo feito? O que são aqueles dois quadrados? Para que servem? E se todos os quadros de luz das casas de bombas foram para cima? Porque pode ter gerador, mas se vier água... Essa é a minha dúvida.

SR. VICENTE PERRONE: Primeiro, as comportas do Embarcadero não foram danificadas na enchente, por isso elas foram testadas agora.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. VICENTE PERRONE: Não. Todo mundo sabe que o rio Jacuí chegou aqui com uma força que lá não chegou, então, por isso que a comporta 14 foi a única que arrebentou, porque é a única que fica na saída. Tanto é que embaixo da ponte criou-se uma praia, onde as pessoas pescam e tudo mais. Foi o único lugar em que isso aconteceu. Então, não foi prioridade de lá ou daqui. A comporta 14 é a maior de todas e a mais complexa, por isso, vai ser refeita do zero. Já foi assinado o contrato, a empresa ganhou, provavelmente, semana que vem, se dará a ordem de início para a construção de uma nova comporta e o fechamento de um dos lados. Aquele quadrado que se vê é a nova casa de bomba do Trensurb. Está sendo construída pelo Trensurb. Então, tem aquele quadrado, é como se fosse o escritório, a sala de operações da casa de bomba do Trensurb. Eu fui ali sábado, inclusive, ver como é que estava a casa de bomba do Trensurb. Então, não foi o Embarcadero, primeiro, simplesmente, lá não teve o impacto; teve aqui, por causa do rio Jacuí, e a foz do Jacuí é exatamente na frente da comporta 14. Então, a comporta 14 será feita uma nova, por uma empresa especializada em comportas, com motores, tem vídeos, posso mandar para o Marcelo, e ele manda para vocês como vai ser isso. A empresa já ganhou, já assinou o contrato, já apresentou as garantias e vai começar o serviço, no máximo, nos próximos dez dias.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): A Sra. Cláudia está com a palavra.

SRA. CLÁUDIA ALFAMA: O DMAE, o DMLU, a Defesa Civil estão aqui, mas, para mim, tinha que estar a Secretaria de Obras, a Secretaria de Educação, porque isso que aconteceu conosco nunca se pensou que fosse acontecer.

Então, quando eu falo em educação, eu falo que alguém vai ter que estar nos espaços escolares, a partir de agora, para, quando alagar, dizer como é que a gente vai fazer. Porque, em tudo que é lugar onde tem alguma catástrofe, as pessoas são treinadas para uma emergência. Então, como tu faz? Tu sais da escola, tu sais da tua casa? Ou seja, tu ter um plano para saber para onde tu vais para poder escapar. Então, já se pensou nisso?

E Secretaria de Obras, por quê? Aqui, no Humaitá, o que nos salvou d'água não foi só a casa de bombas que funcionou. Porque aqui a gente tem paralelepípedo, a gente não vive só de asfalto, porque aqui a gente tem o parque, que serve como esponja, e ainda tem aquele do lado da arena ali também, que quem já teve a oportunidade de ir lá em cima e olhar aquele parque, ele é maravilhoso. Secretaria do Meio Ambiente: o que a gente vai fazer por Porto Alegre? Não adianta só o quadro levantar, ter as casas de bombas, não adianta a gente ter um equipamento mais moderno que vai enxugar, a gente precisa da natureza, a gente sabe que tudo isso que está acontecendo no mundo inteiro é por questões ambientais. Então, Secretaria do Meio Ambiente, o que a gente vai fazer para Porto Alegre, para transformar nossa cidade em esponjas, que vamos ter, naturais? Para mim, é muito importante também, Secretaria de Obras, porque quem mora aqui na Vila Farrapos, se a gente andar pela A. J. Renner, não existe mais meio fio na calçada. Então, por onde a água tem que escoar, não tem, vai para a Arena ali. Fazes o caminho da Arena em dia de jogo, tu não enxergas o espaço para a água. Aí construíram... Eu sou do Croma... Quando construíram aquela parte nova que vai do muro do Trensurb até a Arena, subiram tanto aquela parte que a frente do nosso condomínio começou a alagar. Então, não adianta o DMAE trabalhar sozinho, o DMLU trabalhar. A gente precisa que a cidade como um todo e as secretarias consigam conversar entre si e melhorarem a qualidade de vida da nossa cidade, e evitar, principalmente, quando acontecem os alagamentos. E a gente sabe, quem transita ali pela Voluntários da Pátria, Ferramentas Gerais, não sei por que não foi embora ainda. Historicamente, chove e os bueiros vêm para cima. Cristóvão Colombo... Não é só a nossa região. Então, acredito que, enquanto vereador, possa, com a secretaria, sentar

porque não adianta um gastar tantos mil, o outro gastar mais tantos mil, e eles não conversarem, e a gente não conseguir melhorar a qualidade de vida.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Dona Cláudia, é muito importante a senhora vir a esta reunião, nós vamos ter muitas ainda. Muitas reuniões ainda. Nós chamamos e está aqui a Defesa Civil, DMAE, DMLU, estava a Saúde. Nós não conseguimos sair, nós falamos da Saúde, não conseguimos sair do DMAE ainda. Nem fomos para o... Estava dizendo aqui no decorrer do horário, nós vamos ter que marcar outra reunião para nós darmos continuidade, porque é um tema tão importante, porque cada... É uma ansiedade que nós temos aqui muito grande, que precisa de respostas. Então, nós vamos fazer, esse modelo aqui está perfeito, porque vocês conseguem, a comunidade consegue dialogar diretamente com as secretarias. Vamos continuar nessa modalidade de trazer as secretarias para dentro da comunidade, eu me coloco à disposição. Porque cada vereador, eu, como parte da Comissão dos Direitos Humanos, tenho uma data lá em que eu posso ser o proponente da reunião. E as minhas reuniões, eu me coloco à disposição para nós trazermos essas reuniões importantes para cá, com a Secretaria de Educação, com o Meio Ambiente, com mais, para nós podermos aprofundar mais e poder dialogar mais. Porque nós temos também muito como acrescentar para eles, porque nós vivemos aqui, nós estamos aqui, nós sabemos as necessidades reais. Então, muitas vezes, a necessidade que eles acham que nós precisamos, não é o nosso olhar. Mas eu... Antes, o diretor vai falar, da última inscrição, então, que foi uma situação bem inusitada, porque eu nunca vi alguém brigar para pagar mais. O Rogério está aqui, ele é síndico do Croma, e o Croma estava com uma situação que era acostumado a pagar 40 mil de água mensais, e depois da enchente passou a pagar 20 mil. E nós começamos em contato com o DMAE, fizemos uma reunião da CEDECONH, o trouxemos somente para falar sobre as contas exorbitantes aqui, por isso que ele estava dando o retorno, e nós brigamos, brigamos, brigamos, conseguimos conversar diretamente, até agradeço publicamente aqui, Wilibaldo, porque foi esse contato direto teu com o síndico

que nós conseguimos resolver. Hoje ele está pagando o justo, porque uma hora essa conta ia chegar. Então, tem muitas pessoas de bem ainda, que querem pagar o justo, que querem fazer a coisa certa. Então, só colocar porque foi uma situação, contigo, Rogério, até expôs aqui, mas é importante, entendeu? Porque a tua forma de correr atrás foi uma forma muito justa, correta, com as pessoas... Quantos moradores tu representas lá?

SR. ROGÉRIO MACIEL: São 1.500 moradores.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Então, tu estás aqui hoje representando 1.500 moradores. Então, vou passar aqui para o diretor.

SR. VICENTE PERRONE: Rapidamente respondendo à dona Cláudia. A Secretaria de Urbanismo, Sustentabilidade e Meio Ambiente de Porto Alegre é uma das mais ativas, tanto é que Porto Alegre tem diversas vezes ganhado prêmios nesse sentido. A Secretaria de Obras divide conosco toda a fiscalização de obras do DEMA. Trabalhamos em conjunto nesse sentido. A senhora falou da questão da A.J. Renner, é um problema, e todo mundo aqui, você sabe melhor do que eu, das contrapartidas e tudo mais. Então, é um problema bastante grande, mas só para... E eu achei a ideia da senhora, da questão da Secretaria de Educação, uma das mais brilhantes da noite. Vou falar com o secretário, sou muito amigo dele, falo seguido com ele sobre vários assuntos, mas só para esclarecer que a Secretaria do Meio Ambiente tem no nome, mesmo antes da enchente, no início do outro mandato do prefeito Melo, colocaram sustentabilidade no nome. É um secretário que viaja o mundo vendo boas práticas, trabalha muito com isso, com sustentabilidade, construções com fachada ativa, inclusive a lei do 4º Distrito só dá benefício se tem sustentabilidade nos projetos. Então, é uma secretaria que tem muito desse viés de pensar o meio ambiente, de pensar sustentabilidade, formas novas de energia e assim por diante.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): O Sr. Rogério Maciel está com a palavra.

SR. ROGÉRIO MACIEL: Rogério, sou síndico do Croma, moro aqui no bairro há uns 14 anos. Quero agradecer à força do Marcelo, do Wilibaldo pela agilidade de resolver o problema. No momento que trocaram, voltou ao normal.

SR. VICENTE PERRONE: Só para esclarecer para todos, o hidrômetro estava trancado, então ele rodava menos, então essa conta não viria. Só o DMAE que perderia o dinheiro, porque ele estava rodando menos, muito provavelmente estava entrando menos água no condomínio.

SR. ROGÉRIO MACIEL: O consumo estava normal. O consumo interno estava normal, ele só marcava 50%.

SR. VICENTE PERRONE: Está bem.

SR. ROGÉRIO MACIEL: Muito obrigado pela força. Mas nós continuamos com o problema de alagamento na frente do Croma. Com a construção da Padre Boéssio, eles subiram a pedra, que foi a construtora da época, eles subiram 3 cm. O que são 3 cm? Mas para a água ainda vale muito. E nós não temos escoamento, porque toda a água coletada na frente do Croma para no valão. E do Croma até o valão, tem 50 cm somente de caimento. Então, se as bombas funcionam, ela sobe muito rápido e baixa lentamente. Se as bombas não funcionam, ninguém entra no condomínio, nem de carro, porque dá mais de 40 centímetros.

SR. VICENTE PERRONE: Qual a distância do condomínio até o valão?

SR. ROGÉRIO MACIEL: Ali tem umas 3 quadras, porque tem o Alqueires, o Tulipas, tem pelo menos...

SR. VICENTE PERRONE: Exatamente na frente da Equatorial, o de vocês, na frente da Equatorial.

SR. ROGÉRIO MACIEL: Isso, nós somos o último condomínio da rua. O que acontecia antes da obra, a água escorria, porque ela era mais baixa, ia para o mato e ia embora. Fizeram e não botaram uma boca de lobo do Croma até a volta do posto de gasolina, não tem uma boca de lobo, uma coletora. Então, choveu, e não precisa ter mais de 40 mm, chuva normal. As pessoas não conseguem pegar o ônibus, não conseguem andar na calçada, não conseguem fazer absolutamente nada, porque as pessoas não conseguem acessar o condomínio.

SR. VICENTE PERRONE: Perfeito. Vou falar isso. O secretário de obras também é meu amigo, vou falar com ele, vamos revisar isso, botar pelo menos a da Pedro Boéssio tem que captar pela Pedro Boéssio.

SR. LUCIANO OSÓRIO: Eu tenho duas perguntas, primeiro para o senhor, o pessoal que recolhe lixo, se ele vai na sua porta, que você tem um comércio, a maioria dos comerciantes nunca falou isso, ou até mesmo os moradores eu acho que nunca também tocaram nesse assunto. Tu não dá uma gorjeta para eles, tu não dá um refrigerante para eles, eles saem bravos, atiram o teu lixo em cima do caminhão e o restante fica no chão. Saem bem bravos, ou às vezes, se tu não estás aberto, eles levam a metade do teu lixo e não levam. Isso é o que está acontecendo.

Outra coisa, anda rodando um caminhão do DMAE para cima e para baixo, que aí eles vão ali: “Quer tirar a tua calça?” Aí tu dá uma gorjeta para eles.

SR. VICENTE PERRONE: DMLU?

SR. LUCIANO OSÓRIO: É DMLU.

SR. VICENTE PERRONE: É o coletor de lixo.

SR. LUCIANO OSÓRIO: E eles tiram a sua calça. Se não, eles não tiram a calça. Está rodando não só aqui no bairro, mas em muitos lugares, entendeu? Essa pergunta que eu seu fazendo para o senhor, se tem alguma fiscalização a respeito do DMAE? Essas pessoas que vieram de outro país, que estão ali também junto, todo mundo aprendeu rápido isso aí. Aí tu vais ali, como eu tenho um comércio, vão na minha porta: “Cara, tu tens um refrigerante? “Bah, não tenho, o patrão não está aí.” Eles falam um monte de coisa para ti, saem e levam só a metade do teu lixo. É o que está acontecendo, que não deve ser só comigo, mas é com outros também comerciantes e moradores. E batem de moradia em moradia, pedindo o quê? O que a gente já paga? E não tem fiscalização para isso aí? A gente está se sentindo oprimido sobre isso aí, entendeu? Sobre essa denúncia.

E da Defesa Civil, a respeito da comunidade estar assustada ali na Praça do Sesi – antiga Praça do Sesi – que tem aquele identificador, o totem. Aquilo ali, às vezes, toca, fica azul, fica vermelho. Tem muita gente que não sabe o que é aquilo ali, está apavorada sobre aquilo ali, entendeu? A gente quer saber se tem como fazer com que a comunidade saiba certo o que é aquilo ali, o que é a luz vermelha, o que é a luz azul.

SR. TIAGO BELINSKI: Bom, vou aproveitar e dar boa noite para todos aqui, agradecer ao vereador, agradecer ao diretor...

SR. LUCIANO OSÓRIO: Desculpa por falar rápido, que eu sei que, também, a gente tem que trabalhar; eu trabalho até tarde também. Estou aqui para a melhoria do bairro mesmo, não só para a minha melhoria, entendeu?

SR. TIAGO BELINSKI: Hoje a gente tem dez totens em Porto Alegre. Até é uma demanda aí também do vereador, que a gente vem trabalhando junto à

comunidade. A gente está fazendo uma avaliação de áreas de riscos. Eu sou o coordenador de Redução de Risco da Defesa Civil; a gente está trabalhando em dois pontos hoje em Porto Alegre, que são as cinco ilhas e o segundo ponto é o Humaitá. Então, a gente está fazendo o levantamento de todas as áreas de risco de Porto Alegre.

Antes do evento de 2024, a gente tinha, pela última avaliação, 148 áreas de risco em Porto Alegre. Então, essa área do totem é junto ao Cemadec, que é um sistema que foi implantado na Defesa Civil e que faz todo o monitoramento de chuvas em todas as regiões de Porto Alegre. A gente tem um monitoramento hoje 24 horas, que está à disposição da população.

Ontem mesmo, a gente participou, tanto com a Defesa Civil quanto com o DMAE – eu acho que estava presente também –, e outros órgãos, outras secretarias. Participamos do FROP (Fórum Regional do Orçamento Participativo), que foi aqui na região ontem, para a apresentação da criação dos Nupdecs, que são os Núcleos Comunitários da Defesa Civil. A gente vai acabar, junto ao FROP, junto aos vereadores, pegando pessoas capacitadas, 100% à disposição da população – como todos foram, todos por todos, que todo mundo usa aí para salvar –, e não só os órgãos públicos, mas também as pessoas, os moradores das regiões. Nós vamos fazer uma capacitação; a gente quer fazer por região, sendo a primeira a Ilha da Pintada, que é uma das afetadas, fora a enchente, fora o evento de 2024, que sofre todos os anos com enchente. Aqui, vocês também têm muitas regiões, muitas áreas que sempre foram afetadas. Então, a gente vem trabalhando junto ao DMAE, junto a outras secretarias.

Mas falando um pouco do totem ali: a gente está criando esses Nupdecs, que são os Núcleos de Defesa Civil de Porto Alegre, e a gente vai fazer essa apresentação da Defesa Civil para todas as pessoas, tanto o que é a luz vermelha, o que é a luz azul, porque teve vários pontos hoje em Porto Alegre, e na semana passada, que estavam com luzes vermelhas. Então, tinha algumas pessoas que estavam com medo, que teria um alerta.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. TIAGO BELINSKI: Isso. Mas o que acontece? A gente está adaptando, é um sistema novo, é uma determinação do prefeito em deixar tudo redondo, para a população acabar tendo ciência daquilo ali e a gente ter o alerta sobre isso.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. TIAGO BELINSKI: Isso. E o que acontece? A gente vai...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. TIAGO BELINSKI: É, também teve, se eu não me engano, o pessoal da capatazia, que acabou usando ali alguma coisa dos fios, e alguns moradores também que acabaram efetuando o roubo dos cabos ali. Mas hoje a gente tem baterias – está em teste também. Isso aí é um equipamento novo; nós temos dez em Porto Alegre.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MARCO SALINAS: Não, não, não, e eu concordo contigo. Não é, e é um problema que está em toda a cidade. Dizer que eu tenho fiscais para correr atrás de todos os caminhões, não tenho, vou ser bem honesto contigo. Não, calma aí, calma aí, eu preciso do auxílio também, preciso do auxílio da população também. Primeiro, deixa eu só esclarecer um ponto: o DMLU não tem licença ambiental para recolher caliça; o DMLU, em nenhum caso, recolhe caliça, com exceção eventual de um foco de lixo ou alguma coisa determinada pelo chefe da sessão que conhece a região – no caso, é o Jadir aqui. Fora isso, nenhum caminhão leva. Se eu, DMLU, identificar uma carga de caliça ou um caminhão da coleta contendo caliça – e existem os fiscais onde ele descarrega, no transbordo –, toda a carga é anulada e a equipe é penalizada.

O que o pessoal pede... Eu tenho inúmeras reclamações, mas eu também começo a fazer uma contestação, e já fiz um levantamento, sou morador do bairro Cristal, fiz um levantamento com os meus vizinhos. Tem gente que sabe que tem coisas que não é para levar e chama o gari: "Eu te dou R\$ 20,00 e tuavas". Então, assim, ao mesmo tempo que eu cobro e que a população me cobre, acho justo estar pagando pelo serviço, ele tem que ser bem executado. E, no caso de não ser executado corretamente, ele tem que ser executado pela segunda vez. E aí eu me agarro numa frase do prefeito Melo...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MARCO SALINAS: Não, é lógico que não, não estou generalizando. Por favor, não me entenda como se eu estivesse generalizando. O que acontece? Você não precisa se incomodar com o gari, não precisa se incomodar...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MARCO SALINAS: A grande parte da população trata muito bem o gari...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MARCO SALINAS: Outro número que eu posso te dar é que, só na coleta, entre varrição de rua e tudo, hoje, de contratualizados do DMLU são mais de 3 mil.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MARCO SALINAS: Mas a questão é a seguinte: se tu quiseres contribuir com eles, dar um guaraná, dar uma Coca-Cola, acho justo, e tem que ser espontâneo; não tem que ser por extorsão e por serviço malfeito.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MARCO SALINAS: O que eu estou te pedindo é a gentileza só de...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MARCO SALINAS: Não, não precisa te incomodar com a meninada; eu só preciso saber de que caminhão. Porque eu tenho duas equipes que atuam na área: tenho a equipe de coleta e tenho a equipe da seção, que são outras, às vezes até caminhões parecidos, coletores, que vêm para recolher focos de lixo e fazem um trabalho muito específico. Eu já discuti isso com o diretor de coleta lá, que, como os caminhões são idênticos, tem muita gente que diz: “Olha, limpou o lixo da esquina, não passou na frente da minha casa, não quis levar”.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MARCO SALINAS: Não, mas assim, eu vou pedir para a fiscalização dar uma atenção melhor na tua área até a gente conseguir detectar esse problema e dar uma sanada nisso.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MARCO SALINAS: É completamente irregular. Isso eu posso te dizer...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MARCO SALINAS: Não, tudo bem, mas nenhum caminhão do DMLU, com exceção dos caminhões caçamba, que são para focos de lixo, recolhe alguma coisa de calça. Tirar do pátio de alguém então, nem pensar. Até porque a fiscalização, que também existe uma fiscalização do DMLU, se te pegar colocando calça na rua, tu vais ser autuado. Então, é um contrassenso eu te

autuar por uma coisa e te cobrar para fazer a mesma coisa. Qual é o teu comércio que eu vou vir aqui tomar um café e aproveitar para trazer o fiscal junto para tu conheceres?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. LUCIANO OSÓRIO: Eu te passo o endereço lá.

SR. MARCO SALINAS: Tá, perfeito.

PRESIDENTE MARCELO BERNARDI (PSDB): Gente, então, pelo adiantar da hora, as equipes aqui já estão passando do seu horário, o patrão já está me olhando com uma cara ali, não é, patrão? E, mais uma vez, agradecemos ao CTG por ter, mais uma vez, aberto as portas. Só faltou o costelão 12 horas, mas uma hora podemos combinar.

Gente, então, agradeço a todos. A Defesa Civil também se coloca à disposição para outros eventos, o DMLU também. Como eu falei, são temas rotineiros nossos aqui que, muitas vezes, em uma reunião, a gente não consegue. Hoje, chegamos às 18h30min e estamos saindo daqui quase às 22h, e a gente nem viu o tempo passar de tanta informação, de tanta coisa que a gente ficou hoje sabendo.

Então, agradeço a presença de todos. Agradeço a presença, Vicente, mais uma vez, por estar participando com a gente. E a gente entende também as pessoas que já estão cansadas, é natural. Nós que moramos aqui, nós que vivemos aqui, a gente sabe que as pessoas estão estressadas, ainda estão convivendo com o luto; muitas ainda não estão curadas desse luto pós-enchente. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião. Muito obrigado a todos.

(Encerra-se a reunião às 21h44min.)